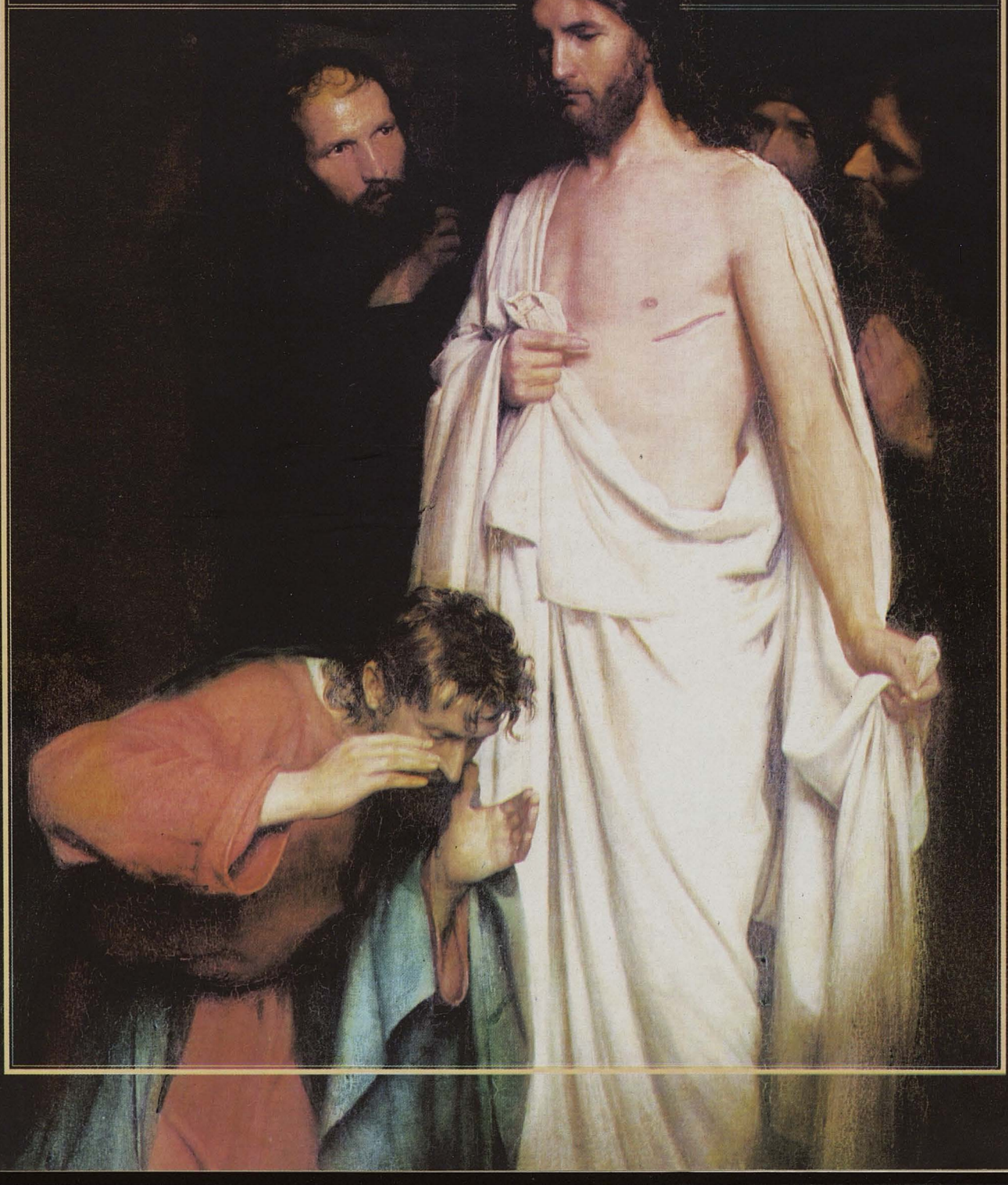
A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS ABRIL 1989



A LIAHONA

Abril de 1989 Volume 42 nº 4
PBMA8904PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores: Hugh W. Pinnock, Gene R. Cook, William R. Bradford, George P. Lee, Keith W. Wilcox

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente: Ann Laemmlen

Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker

Layout: M. Masato Kawasaki

Desenhos: Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Sydney N. McDonald, Jane Ann Kemp, Timothy Sheppard, Steven Dayton

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Arias

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica: Dario Mingorance

Assinaturas: Leônidas Francisco da Silva

Capa: "O Descrente Tomé" de Carl Heinrich Bloch. Original na Capela do Castelo de Frederiksborg, Dinamarca. © The Photo Sourcè.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **NCz$ 3,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **NCz$ 0,25**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7279 - Fotolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Capistrano de Abreu, 210 - Fone: 418-4071 - Jordanópolis - S.B.C. - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The *A Liahona* is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East north Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Application to mail at second class postage rates is pending at Salt Lake City, Utah. Subscription price $9.00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POST MASTER: Send adress changes to *A Liahona* at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150 U.S.A.

ÍNDICE

2 **MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:**
PODE VIR ALGUMA COISA BOA DE NAZARÉ? Presidente Thomas S. Monson

7 O LIVRO FALOU POR SI MESMO Marvin K. Gardner

10 O DESAFIO DO "DIA PERFEITO" Brenda Bloxham Hunt

15 ASSISTIDAS POR ANJOS Barbara W. Winder

18 CHORANDO COM OS SANTOS Bispo Glenn L. Pace

25 UMA BÊNÇÃO CUMPRIDA Stanton McDonald

27 TOLERÂNCIA, O INÍCIO DO AMOR CRISTÃO Ann N. Madsen

31 **MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES:** CADA MEMBRO É UM MISSIONÁRIO

33 AJUDAR OS DEFICIENTES Carmen B. Pingree

37 "VOCÊ ESTÁ FAZENDO O QUE É CERTO" Julie Hauwiller

38 **PERGUNTAS E RESPOSTAS:** *ABENÇOAR UMA CRIANÇA* Susan Easton Black

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

40 UMA CANÇÃO DO ESPÍRITO Becky Thomas

43 OS OLHOS DA FÉ Élder Robert B. Harbertson

49 O RELATÓRIO SOBRE O LIVRO Robert Avery Grey Jr

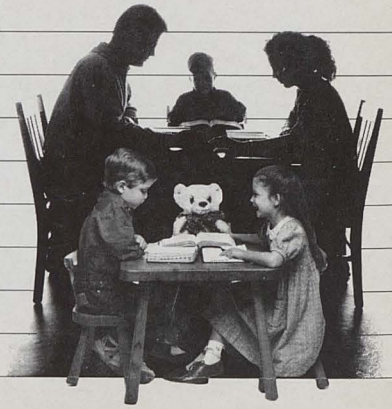
SEÇÃO INFANTIL

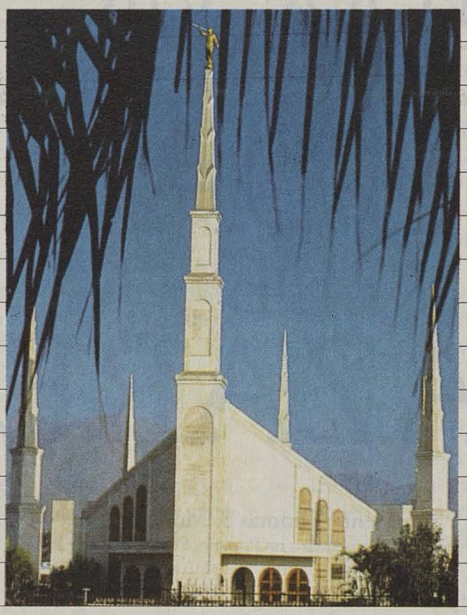
2 JOSEPH E OLIVER RECEBEM O SACERDÓCIO

4 HWANGAP PARA VOVÔ Bernadine Beatie

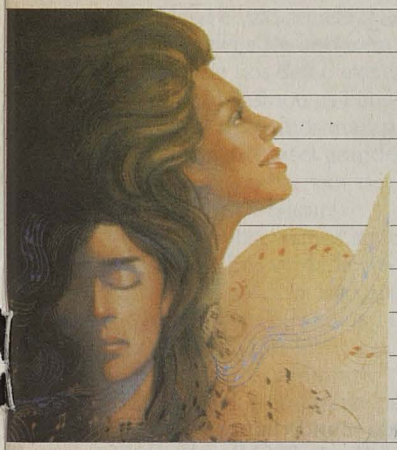
6 **DE UM AMIGO PARA OUTRO:**
IRMÃ MICHAELENE GRASSLI Sandra Stallings

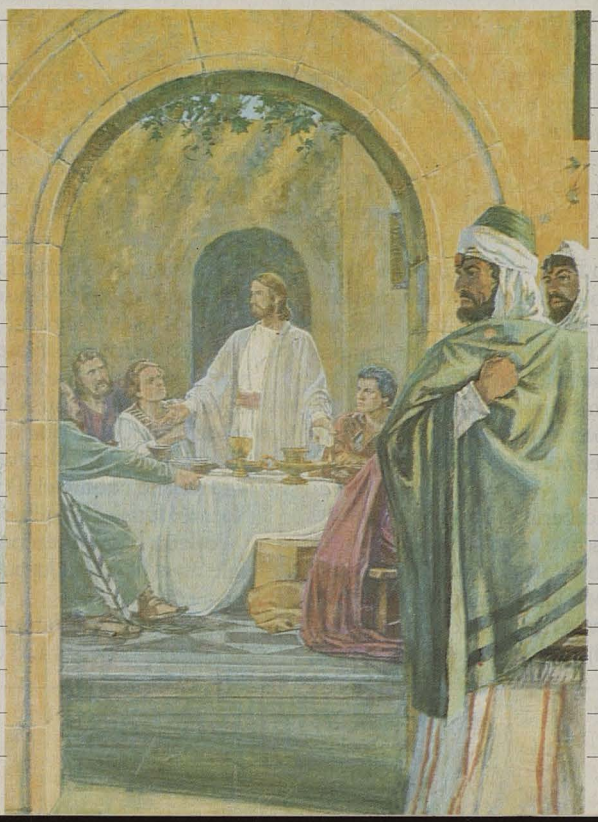
8 **SÓ PARA DIVERTIR:**
Roberta Fairall

















MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

PODE VIR ALGUMA COISA BOA DE NAZARÉ?

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Há dois mil anos, o Filho do Homem nasceu em um mundo como o nosso — um mundo arrasado pela tensão e pela tristeza. Sessenta e três anos se passaram desde que os soldados romanos haviam conquistado a Palestina e tomado Jerusalém. Os elmos, as espadas e os emblemas dos legionários romanos eram vistos por toda parte.

Gerações haviam vivido e morrido desde que o profeta Isaías declarara:

"Eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho" e "o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da Eternidade, Príncipe da paz" (Isaías 7:14; 9:6).

Depois de ouvir esta promessa, podemos nós avaliar a alegria suprema e o regozijo intenso que Filipe sentiu, quando ouviu o Salvador do mundo dirigir-lhe as palavras imortais "Vinde após mim"? O Rei dos Reis, o Senhor dos Senhores chegara.

O conhecimento desse fato não podia ser escondido, nem podia Filipe de Betsaida guardar só para si as boas novas: "Filipe achou Natanael, e disse-lhe: Havemos achado aquele de quem Moisés escreveu na lei, e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José.

Disse-lhe Natanael: Pode vir alguma coisa boa de Nazaré? Disse-lhe Filipe: Vem, e vê" (João 1:45-46).

Poderia Nazaré receber tamanha honra? Nazaré, o vale mais desprezado numa província odiada de uma terra conquistada?

Juntemo-nos a Natanael. Vamos e vejamos.

Nazaré, a apenas 128 quilômetros de Jerusalém,

ficava situada na principal rota comercial que ia de Damasco até a costa do Mediterrâneo em Acre, passando pelas cidades da Galiléia. Isso, no entanto, não era o que tornaria o vilarejo conhecido. Nem tampouco deveria a sua glória estar na beleza de seus arredores. Nazaré foi o palco de acontecimentos mais duradouros e de maior importância do que aqueles que ocorreram ao longo das rotas de comércio ou em belas paisagens.

Numa cidade da Galiléia, chamada Nazaré, apareceu o anjo Gabriel, enviado por Deus. A uma virgem cujo nome era Maria, ele declarou: "Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus;

E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e por-lhe-ás o nome de Jesus.

E este... será chamado filho do Altíssimo" (Lucas 1:30-32).

Depois do nascimento de Cristo, e da subsqüente fuga para o Egito, o registro sagrado revela: "E chegou, e habitou numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno" (Mateus 2:23).

Em Nazaré, o menino Jesus cresceu "em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens" (Lucas 2:52).

De Nazaré veio aquele que fez os cegos enxergarem, mendigos aleijados andarem — até mesmo os mortos viverem. Ele nos deu o exemplo. Ele viveu a vida perfeita. Ele ensinou as boas-novas que mudaram o mundo. Examinemos mais pormenorizada e particularmente esses grandes acontecimentos, para que possamos saber, por nós mesmos, se alguma coisa boa pode vir de Nazaré.

Primeiro, observemos aquele de quem o próprio Jesus disse: "Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista" (Mateus 11:11). Sabendo que alguém "mais forte do que ele" viria, João dedicou-se à tarefa de "endireitar o caminho".

João Batista podia olhar para trás e contemplar uma longa linha de profetas — seus antepassados espirituais. Olhando para a frente, ele foi o primeiro a ver a Luz da qual daria testemunho.

"E aconteceu naqueles dias que Jesus, tendo ido de Nazaré, da Galiléia, foi batizado por João, no Jordão" (Marcos 1:9).

"E João testificou, dizendo: Eu vi o Espírito descer do céu como uma pomba, e repousar sobre ele.

... O que me mandou a batizar com água, esse me disse: Sobre aquele que vires descer o Espírito, e sobre ele repousar, esse é o que batiza com o Espírito Santo.

E eu vi, e tenho testificado que este é o Filho de Deus" (João 1:32-34).

De Nazaré veio o Ser Perfeito para ser batizado — um exemplo para todos.

Segundo, consideremos a Judéia e examinemos o testemunho de alguém que nasceu cego — aquele para quem era sempre noite. Nunca dia — apenas noite. Mas deixemos que ele faça o seu próprio relato a respeito de como a escuridão foi transformada em luz. Vizinhos surpresos, notando sua visão recém-adquirida, perguntaram: "Não é este aquele que estava assentado e mendigava?

Uns diziam: É este. E outros: Parece-se com ele. Ele dizia: Sou eu.

Diziam-lhe pois: Como se te abriram os olhos?

Ele respondeu, e disse: o homem, chamado Jesus, fez lodo e untou-me os olhos, e disse-me: Vai ao tanque de Siloé, e lava-te. Então fui, e lavei-me, e vi" (João 9:8-11).

Quando os descrentes insistiram "Dá glória a Deus; nós sabemos que esse homem é pecador", ele replicou: "Se é pecador, não sei: uma coisa sei, e é que, havendo eu sido cego, agora vejo" (João 9:24-25).

De Nazaré veio a visão.

A seguir, vamos até Betsaida, para perguntar sobre aquele que agora anda, mas que durante vinte e oito longos anos não andou. "E Jesus, vendo este deitado, e sabendo que estava neste estado havia muito tempo, disse-lhe: Queres ficar são?" A resposta do homem, misto de frustração e esperança, foi recebida com a ordem suave, mas divina: "Levanta-te, toma tua cama, e anda" (João 5:6, 8).

De Nazaré veio força nova para um corpo sem vida.

Jesus de Nazaré restaurou a visão, curou aleijados, mas seria verdade que ele restaurou a vida aos mortos?

Em Capernaum, Jairo, um dos dirigentes da sinagoga, procurou o Mestre, dizendo: "Minha filha está moribunda; rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos para que sare, e viva." Chegou, então, a notícia da casa daquele homem importante: "A tua filha está morta" — ao que Cristo replicou: "Não temas, crê somente." Ele foi até a casa, passou pelos que pranteavam, e disse-lhes: "Por que vos alvoroçais e chorais? a menina não está morta, mas dorme".

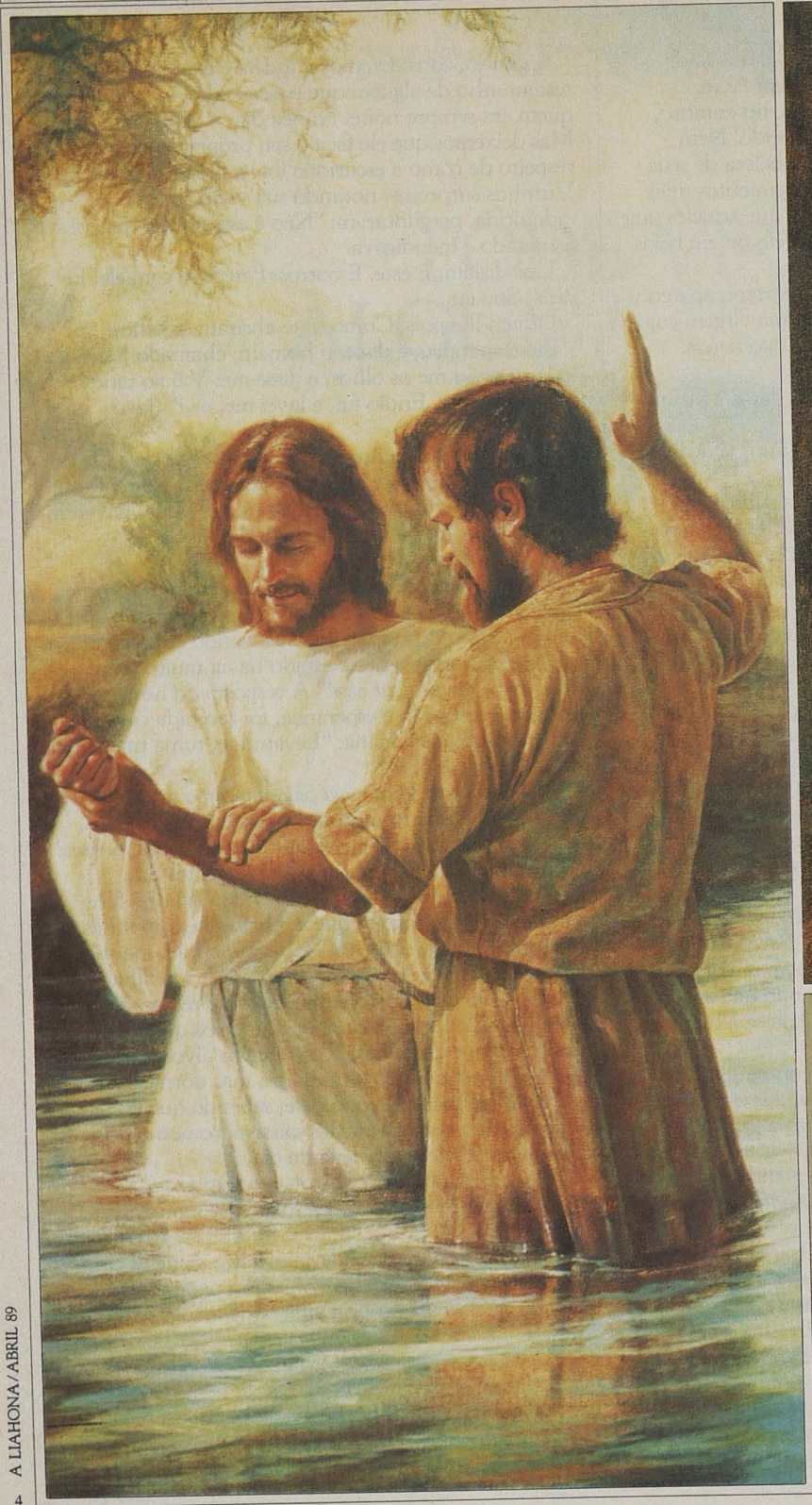
E riram-se, escarnecendo dele, sabendo que estava morta. Ele fez com que todos saíssem, tomou-a pela mão e disse: "Menina... levanta-te."

"E logo a menina se levantou, e andava... e assombraram-se com grande espanto." (Ver Marcos 5:23-43.)

De Nazaré veio a vida onde antes havia morte. E com esse milagre, foi estabelecido o padrão perfeito por meio do qual nossa própria vida pode tornar-se frutífera:

"Não temas, crê somente." (Marcos 5:36; grifo nosso.)

De Nazaré, e passando por todas as gerações subseqüentes, chegam-nos seu exemplo excelente, suas palavras bem-vindas, seus feitos divinos, inspirando-nos paciência para arcar com as aflições, força para



Greg K. Olsen



DE NAZARÉ ELE FOI AO JORDÃO PARA SER BATIZADO, E A CAPERNAUM PARA RESTAURAR A VIDA AOS MORTOS.



Glen S. Hopkinson

suportar a tristeza, coragem para enfrentar a morte, e confiança para encarar a vida. Neste mundo de caos, de provações, de incertezas, nunca foi tão grande a necessidade dessa orientação divina.

Lições de Nazaré, Capernaum, Jerusalém e Galiléia, ultrapassaram as barreiras da distância, a passagem do tempo, os limites da compreensão, trazendo luz ao coração perturbado e mostrando um caminho.

Com tristeza, lemos a respeito de jovens e de outros, não tão jovens, que morrem com bravura, que sacrificam sua vida no altar da liberdade. Em um momento de pressa, um deles pegou um lápis e um pedaço de papel e escreveu a um ente querido preocupado: "Logo entraremos em batalha. O inimigo está bem preparado; muitas vidas serão perdidas. Mamãe, espero viver, mas não tenho medo de morrer, porque estou bem com Deus."

A mãe recebeu o precioso bilhete. No mesmo dia chegou outra mensagem: "Sentimos informar que seu filho foi morto em combate."

Ela recebeu visitas de amigos, consolo de entes queridos, mas paz, só por intermédio daquele que chamou Nazaré de lar.

Nem todas as batalhas são travadas em solo estrangeiro. Nem sempre os participantes carregam armas, atiram granadas ou jogam bombas. Testemunhei um desses conflitos no quarto andar de um hospital na Califórnia. Não havia sons estridentes de armas de fogo, nem exércitos ou equipamentos militares à vista. Ainda assim, travava-se uma luta de vida ou morte. Paul Van Dusen, feliz, bonito, com quinze anos de idade, acabara de perder sua primeira batalha contra o temido inimigo chamado câncer.

Paul amava a vida. Destacava-se nos esportes. Ele e

DE NAZARÉ VEIO *TUDO* O QUE É BOM, QUE NOS DÁ ESPERANÇA E SENTIDO A NOSSA VIDA.

os pais haviam esperado e suplicado que os temores dos médicos não fossem confirmados — que sua preciosa perna direita não tivesse de ser amputada. Arrasados, aceitaram a triste notícia. Para salvar-lhe a vida, ele teria de perder a perna.

Após o término da cirurgia, Paul descansava.

Entrando em seguida no quarto, fui imediatamente atraído pelo seu sorriso animado. Ele irradiava um espírito de esperança e bondade.

O lençol branco permanecia visivelmente liso onde antes houvera uma perna. Flores enviadas por amigos rodeavam a cama. Os pais, gratos pela vida do filho, estavam perto dele.

Paul pediu-me que lesse os cartões com votos de pronto restabelecimento, que havia recebido. Um deles dizia o seguinte: "Amamos você, Paul. Estamos orando por você." Estava assinado por colegas de sua classe da Escola Dominical. De seus colegas de escola: "Que você fique bom logo. Achamos você ótimo." Um outro ainda, dos mestres familiares, dizia: "Que o Senhor o abençõe. Amanhã visitaremos você novamente."

O que disse o carpinteiro de Nazaré sobre pessoas assim? "Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos a mim o fizestes" (Mateus 25:40).

O espírito de oração foi sentido sem esforço naquele dia. Uma perfeita paz encheu o quarto. Sorrisos de confiança surgiram em lábios molhados de lágrimas. Da distante Capernaum, pareceu-nos ouvir o eco: "Não temas, crê somente." Então Paul disse: "Eu estarei bem."

Observamos um coração cheio de fé, e uma fisionomia que refletia gratidão. Fé em quem? Gratidão pelo quê?

Jesus de Nazaré
Mestre e Rei,
Com sofrimento e dor
Cumpres a lei
Para nos resgatar
Baixas do céu
Aparta teus fiéis
Da vil Babel.

(*Hinos*, nº 68.)

Pode alguma coisa boa vir de Nazaré?

De Nazaré veio o exemplo.
De Nazaré veio a visão.
De Nazaré veio a força.
De Nazaré veio a vida.
De Nazaré veio a fé.
De Nazaré veio a paz.
De Nazaré veio a coragem.
De Nazaré veio o Cristo.

A ele Natanael declarou: "Tu és o Filho de Deus, tu és o Rei d'Israel" (João 1:49). Testifico que ele é o Senhor dos Senhores, Rei dos Reis, o precioso Salvador, querido Redentor, Jesus Cristo, de Nazaré. Não há outro nome dado debaixo do céu, pelo qual podemos ser salvos.

Que possamos viver seus ensinamentos, seguir seu exemplo, e acompanhar seus passos em direção à vida eterna. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Alguns Pontos Que Merecem Ênfase. Talvez queira ressaltá-los em sua mensagem de mestre familiar:

1. De Nazaré veio o Ser Perfeito para ser batizado — um exemplo para todos.

2. De Nazaré vieram os milagres do Senhor — entre eles a visão para os cegos, nova força para os fracos, e vida onde antes havia morte.

3. De Nazaré vieram fé, esperança e coragem — o que cada um de nós necessita para enfrentar as provações da vida. Se vivermos de acordo com os ensinamentos de nosso Salvador e seguirmos seu exemplo, receberemos os ricos tesouros do céu.

Sugestões para o Debate

1. Fale sobre seus sentimentos a respeito das bênçãos que nosso Senhor Jesus Cristo nos oferece. Peça aos membros da família que falem sobre seus sentimentos a respeito do que o Senhor fez por nós.

2. O artigo contém passagens das escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?

3. Seria preferível abordar esse assunto depois de conversar primeiro com o chefe da família? O líder do quorum ou bispo tem uma mensagem para o chefe da família?

O LIVRO FALOU POR SI MESMO

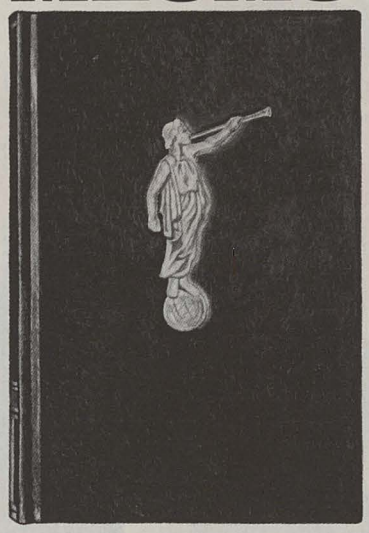
Marvin K. Gardner

Marilu Ramirez, de Zacatecas, México, tinha apenas oito anos, quando fez sua descoberta sensacional: Na banca de jornal da rua — perdido entre os jornais e as revistas de televisão — estava um livro com uma capa azul e um anjo dourado tocando uma trombeta.

Como será que o livro fora parar lá? Estava deslocado na prateleira, e parecia suplicar a ela que o pegasse e o lesse. A criança pagou e levou o livro para casa.

Para sua mãe, esse era apenas mais um na longa lista de livros religiosos estranhos que a filha levava para casa — e ela puniu a criança por comprá-lo e lê-lo. Toda a família achava que Marilu era excêntrica — muito introvertida, muito obsecada com pensamentos sobre Deus e religião. Como poderia alguém explicar a insatisfação da criança com a igreja tradicional da família? Por que preferia ela gastar seus poucos "pesos" extras em livros e panfletos religiosos e depois perder tempo lendo-os? Mas nem o escárnio nem a pressão da família e dos amigos fazia qualquer diferença.

Para Marilu, esse livro azul novo, com o anjo dourado na capa era diferente de todos os seus outros livros. Alguma coisa nele a fez sentir-se estranhamente bem por dentro, e ela já estava chorando antes de haver terminado a primeira página. As outras seguintes fizeram aumentar-lhe esse sentimento. "Era como encher um



copo gota a gota", diz ela.

De onde era esse livro peculiar? "Achei que poderia ser de alguma religião oriental obscura, ou talvez da Índia", diz ela. "Eu não sabia como descobrir a que igreja ele pertencia. Mas orei para que pudesse um dia descobrir. Já sabia que ele era verdadeiro."

Nos nove anos seguintes, Marilu permaneceu devotada ao livro e o estudou a fundo. Então um dia, quando estava com dezessete anos, viu dois homens de camisa branca no ônibus em que estava. Quando observou que carregavam livros, ficou imaginando se saberiam alguma coisa sobre o livro *dela*. Mas, antes que tivesse reunido coragem suficiente para perguntar, eles desceram do ônibus.

Um mês mais tarde, quando viu uma dupla semelhante de jovens, aproveitou a oportunidade. — Vocês pregam o evangelho? — perguntou-lhes. Eles disseram que sim.

— Vocês conhecem muitas religiões diferentes? — perguntou ela. — Estou tentando localizar uma que não é muito comum. — E ela lhes falou sobre o seu Livro de Mórmon.

Os élderes olharam um para o outro e empalideceram.

— Somos missionários de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e gostaríamos muito de ensiná-la com sua família.

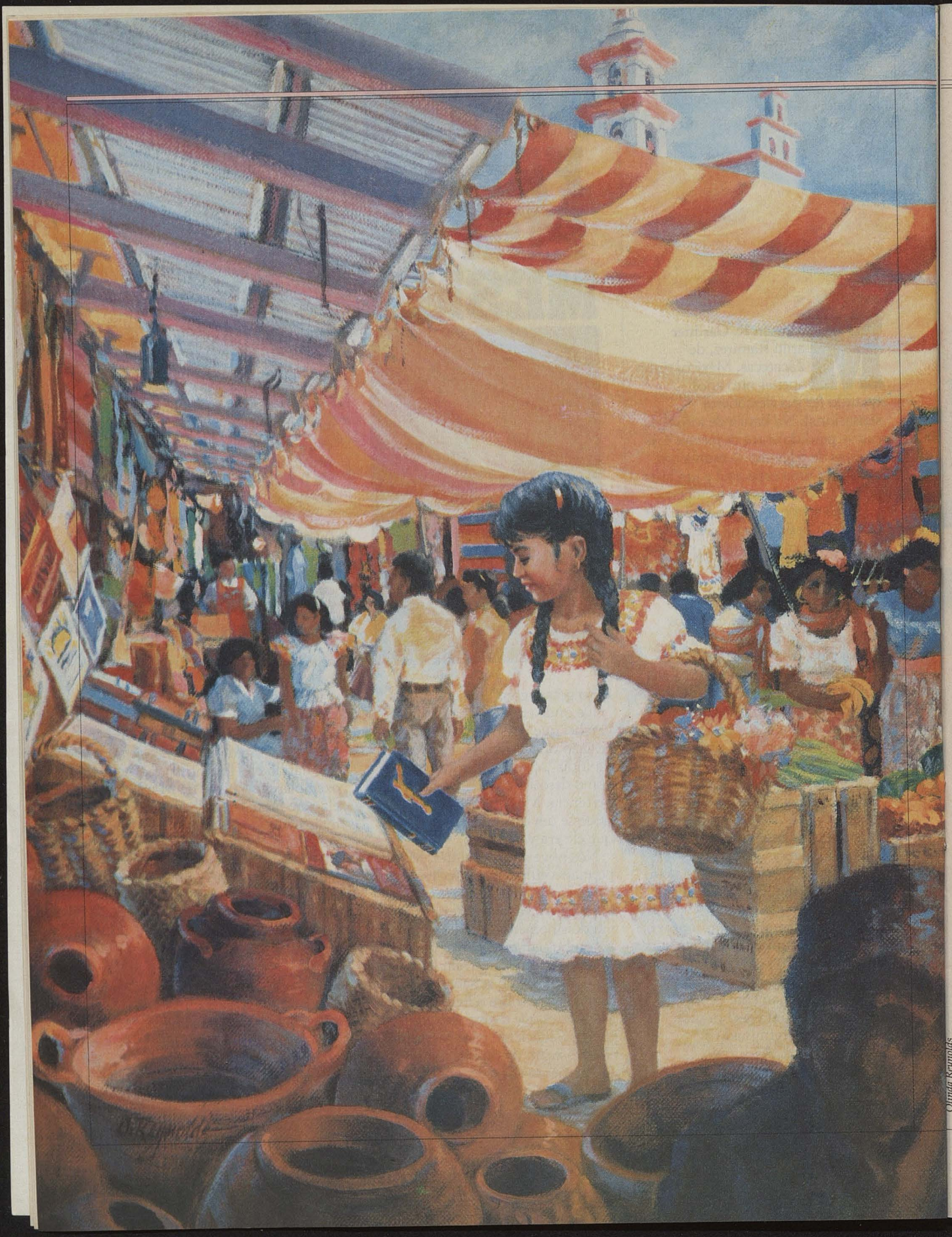
— Não — insistiu ela. — Eu só quero saber se vocês podem me dizer que igreja usa o Livro de Mórmon.

Estaria ela brincando? perguntavam-se os élderes. — Você sabe como *nós* somos chamados? — perguntou um deles. — *Mórmons!*

Quando eles lhe mostraram seus exemplares do Livro de Mórmon, ela acreditou — e insistiu em ouvir mais naquele mesmo dia.

À noite, na primeira visita deles, Marilu interrompeu a palestra muitas vezes — não com perguntas, mas com versículos do Livro de Mórmon que ela já sabia de cor, versículos que fortaleciam os conceitos que eles estavam ensinando. Os élderes ficaram pasmos com o conhecimento dela a respeito de seu usado Livro de Mórmon — com a facilidade com que ela conseguia achar os versículos que procurava.

Isso aconteceu várias vezes durante a palestra da noite



Olivia Reynolds

Como será que o livro fora parar lá? Estava deslocado na prateleira, e parecia suplicar a ela que o pegasse e o lesse.

seguinte. Quando perguntaram a Marilu se queria ser batizada, ela respondeu: "Sim, amanhã." Com a permissão de seus pais, ela foi batizada no dia seguinte, 22 de agosto de 1984. E então começou sua luta para cumprir uma missão.

"Eu havia desejado contar aos outros a respeito do Livro de Mórmon desde o dia em que o achara, quando tinha oito anos", diz ela.

"Agora eu sentia que *tinha de* tornar-me uma missionária."

Mas ela estava apenas com dezessete anos. A partir daí, todos os anos, no seu aniversário, ela perguntava ao bispo se tinha idade suficiente para ser chamada para uma missão, mas a cada ano ele lhe dizia que deveria esperar até chegar aos vinte e um anos. Nesse meio tempo, ela foi professora da Primária e da Escola Dominical, e continuou a crescer no conhecimento do evangelho.

Então — no dia em que fez vinte e um anos — chegou seu chamado.

Sister Marilu Ramirez estava preparada. Aluna brilhante, ela dava aulas na escola elementar, mesmo antes de graduar-se na universidade, e com cuidado fazia suas economias. Na época em que recebeu o chamado, já havia economizado dinheiro suficiente para custear toda a missão. A essa altura, deixou o emprego, sem qualquer garantia de achar um trabalho quando voltasse.

Sua família tinha certeza de que ela estava louca. A criança que havia perdido tempo e dinheiro em livros religiosos estava agora jogando fora um bom emprego, todas as suas economias, e dezoito



meses de sua vida. Mas ainda desta vez, a pressão não fez diferença.

Agora, na missão, ela ora por sua família e lhe escreve semanalmente.

No dia 24 de janeiro de 1988, enquanto seu grupo está prestes a deixar o Centro de Treinamento Missionário da Cidade do México e entrar no campo de trabalho, Sister Marilu Ramirez levanta-se durante uma reunião, para prestar testemunho. O cabelo muito preto, penteado para trás e preso por duas fivelas azuis, chega quase até a cintura.

No púlpito, ela sobe em um pequeno banco para falar ao microfone. Seu corpo pequeno sugere que ela poderia falar com timidez, mas sua voz é forte e seu testemunho é o de uma discípula madura. "Tive de lutar para estar aqui", diz ela com emoção, "e aprendi que, sem o Senhor, não sou nada. Mas senti o infinito amor dele por mim, e sei em quem confiei."

No dia seguinte, ao encontrar o presidente da Missão e seus conselheiros, ela presta novamente um forte testemunho do amor do Pai. "Quando entrei no templo pela primeira vez há poucos dias, senti seu Espírito e fiquei maravilhada com seu amor", diz ela. "Ao orar a ele, perguntei: — Por que tu me amas tanto? — E pareceu-me ouvir a resposta: — Não sabes que amo todas as pessoas — todos os meus filhos? Não quero que ninguém se perca. — E comecei a compreender o grande amor que ele tem a cada um de nós." Sua voz novamente demonstra emoção. "Sei que nosso Pai Celestial e seu filho Jesus Cristo vivem e nos amam. É uma honra para mim ser uma filha de Deus e servi-lo como missionária."

Sister Ramirez está atualmente pregando o evangelho a não-membros que vão ao centro de visitantes do Templo da Cidade do México. À noite, ela e sua companheira saem pelos arredores do templo, para ensinar o evangelho às famílias em seus lares.

Como aquela criança de oito anos, a missionária de vinte e um anos ainda é dominada por pensamentos a respeito de Deus. E o copo, cheio gota a gota quando ela leu as páginas do Livro de Mórmon quando criança, está agora transbordando. □

Otmar Reynolds

O DESAFIO DO "DIA PERFEITO"

Brenda Bloxham Hunt



Welden Andersen

Embora o desafio do bispo não causasse mudanças imediatas em nossa vida, ajudou-nos na estrada rumo à perfeição.

"Quantos de vocês gostariam de ter um dia perfeito?" perguntou o bispo à congregação. Muitos membros ergueram as mãos — alguns mais alto, outros mais baixo. Poucos mantiveram as mãos abaixadas.

"Ótimo", acenou o bispo. "Larry", perguntou ele a um dos membros da ala, "você gostaria de ter um dia perfeito? Você poderia vir aqui até o púlpito? George e Ruth? Paul? Matthew e Joan? John e Helen? Ben e Carol?"

Ele pronunciou os nomes vagarosamente, fazendo uma breve pausa entre cada um. Muitas mãos foram abaixadas novamente: apenas algumas permaneceram erguidas bem alto.

"Haverá uma viúva que gostaria de viver um dia perfeito?" perguntou o bispo. Houve um momento de silêncio, enquanto ele olhava para a congregação. "Grace, e você?"

Quando aqueles cujos nomes ele citara haviam chegado ao púlpito, dirigiu-se a eles. "Que dia vocês gostariam de que fosse o seu dia perfeito? Terça-feira? ... Quinta?"

A descrença e o constrangimento nos rostos mostraram que nenhum deles esperava realmente ter de assumir um compromisso de verdade. Alguns mexeram a cabeça, dizendo sim. Outros ficaram imóveis. Depois de vários segundos, alguém sugeriu quinta-feira, porque daria mais tempo para se prepararem.

Sorrindo, o bispo disse: "Está ótimo. Quinta-feira vocês terão um dia perfeito. E uma vez que não temos nenhum orador programado para a reunião sacramental do próximo domingo, gostaríamos de que vocês relatassem seu dia perfeito para nós."

Ele voltou-se novamente para a congregação. "Há alguém mais que gostaria de ter um dia perfeito?" James, um membro do quorum dos mestres, com um sorriso feliz levantou a mão. Foi incluído.

O bispo então disse à congregação: "Sua responsabilidade como membros da ala é orar para que eles cumpram sua designação."

Como Se Torna um Dia Perfeito?

Como se vive de modo que se possa tornar um dia perfeito? A pergunta passou pela mente daqueles que haviam aceitado o desafio do bispo. Durante toda a semana, sempre que os membros da ala se reuniam, o assunto do desafio do bispo em relação ao "dia perfeito" vinha à baila. Estávamos ansiosos por ouvir os relatos.

Finalmente chegou o domingo.

Grace, uma viúva de cabelos castanhos curtos e olhos brilhantes, foi a primeira. Seu dia não havia transcorrido exatamente como planejara, disse-nos ela. Acordou com uma gripe terrível — a primeira vez, em mais de três anos, que ficava doente. Ao revisar os planos para o dia, ela decidiu juntar as fotos para um livro de recordações a respeito da vida de sua mãe, algo que estivera pensando em fazer havia muito tempo. Grace pediu à irmã que ajudasse, e elas trabalharam juntas na reconstrução da história da vida da mãe com fotos e palavras. Isso tomou grande parte do dia, mas o resultado final foi um livro de recordações feito com muito carinho.

Grace achou que suas atividades naquele dia abriram um novo caminho para ela. Sua bênção patriarcal dissera que deveria trabalhar em sua história da família. "Como eu não entendia de história da



Welden Andersen

família, simplesmente não me interessava pelo assunto", confessou ela. "Mas, depois de terminar o livro de minha mãe, decidi fazer um sobre meu falecido marido."

Desde aí, ela tem compilado histórias de seu marido, de seu filho e de sua filha. "Limpando caixas de tesouros e lembranças que estivera guardando durante anos, obtive informações suficientes para fazer as ordenanças no templo para muitos de meus ancestrais", diz ela. "Vejo que minha tarefa está apenas começando. E estou feliz por fazê-lo."

A meta de James para aquele dia fora bem diferente. Ele planejara ser obediente aos pais — fazer imediata e alegremente o que lhe pedissem. "Parece que a mãe sempre quer que façamos alguma coisa, quando nossos amigos aparecem para brincar ou quando estamos na parte mais emocionante de um livro", disse ele. "Às vezes eu parava e dizia a mim mesmo que deveria fazê-lo *agora*. No fim do dia, eu consegui fazer tudo logo que ela pedia. Isso me fez sentir-me bem", concluiu ele.

Grace e a irmã trabalharam juntas na reconstrução da história da vida da mãe com fotos e palavras. Isso tomou grande parte do dia, mas o resultado final foi um livro de recordações feito com muito carinho.

Estabelecer o Tom para o Dia

Paul, um rapaz de quinze anos, com um maravilhoso senso de humor, também levou o desafio do bispo a sério. Embora o estudo das escrituras não fizesse parte de sua rotina diária, ele decidiu começar o dia lendo as escrituras. "Não sei por que era tão importante para mim ler as escrituras naquele dia, mas era", explicou ele. "Varias vezes durante a noite de quarta-feira acordei, tendo a certeza de que havia dormido demais. Quando o despertador tocou, peguei o Livro de Mórmon."

Ele leu durante aproximadamente quarenta e cinco minutos. "Ler as escrituras pareceu estabelecer o tom para o dia todo", disse ele. "Nem sempre é fácil dar-se bem com os amigos da escola, professores, e família, e meu dia perfeito não foi diferente. Cometi alguns erros, mas agi muito melhor que na maioria dos dias.

"Isso também me ajudou a estar muito mais consciente de minhas bênçãos, das coisas que deveria estar fazendo, de meus erros", acrescentou ele. "Muitas vezes durante o dia eu me perguntei o que poderia fazer para ser melhor."

Essa pergunta — O que posso fazer para ser melhor? — foi feita por outras pessoas que haviam aceitado o desafio do bispo. Muitas delas encontraram a resposta no serviço aos outros.

George achou a tentativa de viver um "dia perfeito" um grande desafio. "Embora eu não tenha tido exatamente o tipo de dia que gostaria, isso causou um impacto em minha vida. Eu nunca nem mesmo havia pensado em viver um dia perfeito antes."

Ruth, a esposa de George, sentiu uma melhora no relacionamento deles como resultado de seu "dia perfeito". "Ao tentar manter o meu dia perfeito, percebi alguns dos hábitos que adquirira. Por exemplo, eu de repente ficava irada com George por alguma razão tola, insignificante. Agora, estou-me esforçando para corrigir isso, disse ela.

Reconhecer os erros e dar os passos para vencê-los foi algo que cada um daqueles que aceitaram o desafio do bispo experimentou. Larry disse: "Como muitos ex-missionários, eu havia perdido o hábito de estudar. Sempre parecia haver tantas outras coisas para fazer. Assim, quando recebi o desafio do bispo, decidi que precisava ter novamente aquela proximidade com o Senhor que sentira durante a missão."

As coisas não correram exatamente como Larry planejara; uma terrível dor de dente estragou seu "dia perfeito". "Ainda assim, não considero que meu dia tenha sido um insucesso. Tentei com afinco viver de maneira perfeita — apesar das circunstâncias, diz ele.

Para John, "todos os dias são perfeitos, por causa de minha esposa Helen. Partilhar minha vida com ela é uma de minhas maiores



bênçãos. Para mim, o dia perfeito é estar junto dela. Gostamos da companhia um do outro, e somos os melhores amigos.

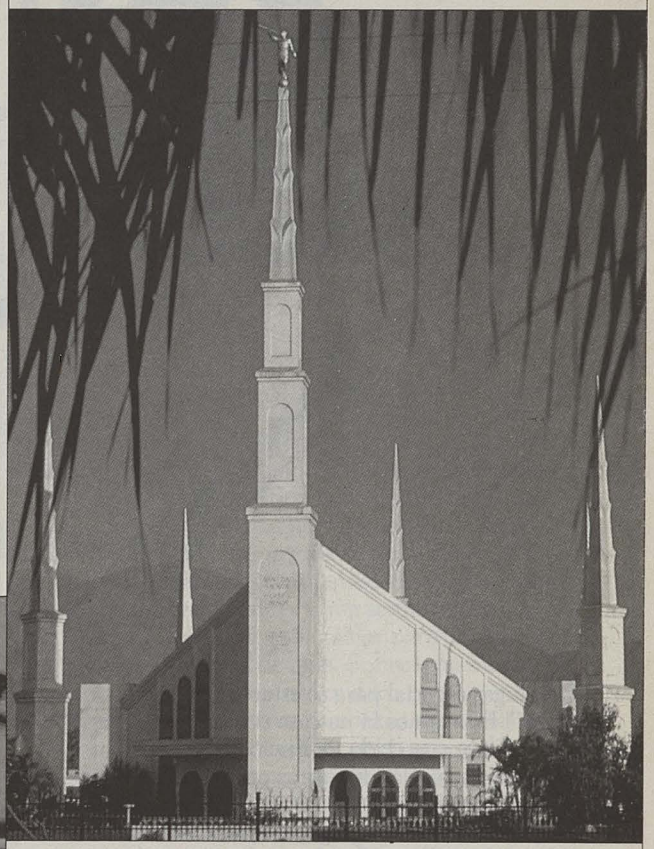
Começamos o dia juntos em oração e estudo das escrituras, e, embora sigamos caminhos separados para o trabalho, estamos espiritualmente juntos durante todo o dia. Gostamos de surpreender um ao outro com bilhetes expressando nosso amor mútuo, que colocamos em nossas sacolas de almoço.

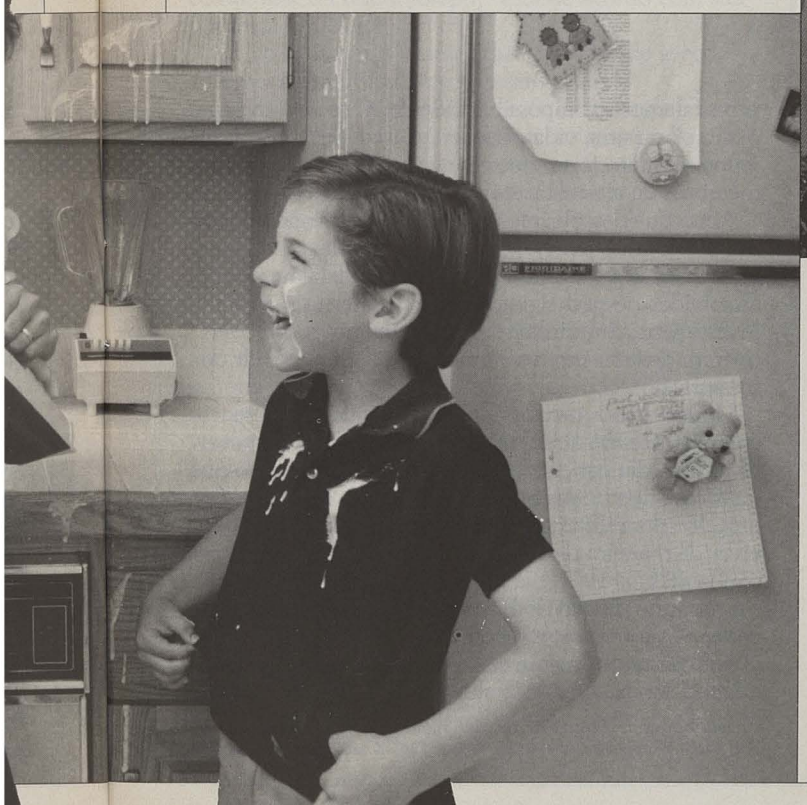
Depois do trabalho vamos para casa, fazemos a refeição noturna, dividimos as tarefas domésticas, conversamos e discutimos as atividades do dia, e então fazemos planos para o dia seguinte. Uma atividade especial é a freqüência ao templo, e nesta semana passada, fizemos isso em nosso "dia perfeito". É maravilhoso ajoelharmos juntos no altar, dar-nos as mãos, e renovarmos os convênios matrimoniais à medida que realizamos as ordenanças para outras pessoas."

Servir na Casa do Senhor

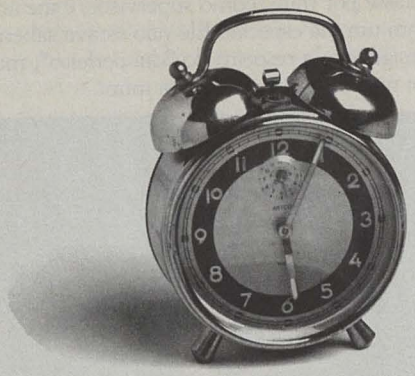
Servir no templo representou o dia perfeito para Ben e Carol. Quando Ben se aposentou há alguns anos, ele e Carol aceitaram o chamado como oficiantes do templo. "O dia perfeito designado pelo bispo, coincidentemente, foi um dos dois dias da semana em que servimos no templo.

Eu sirvo no templo como supervisor, e fiquei profundamente tocado quando, na reunião de oração, o irmão que proferiu a oração pediu ao Senhor que zelasse por mim, como supervisor, e me abençoasse com um dia especial. Ele não estava sabendo de nossa designação a respeito do "dia perfeito", mas sua oração foi muito significativa para mim.





O desafio de viver um "dia perfeito", pode não somente desenvolver a fé, mas também ser um tempo de inesperado humor. Uma jovem mãe relatou que no seu "dia perfeito" ela estava fazendo panquecas quando a sua batedeira elétrica respingou a massa de panquecas por toda a parte, inclusive sobre o seu filho. " Se fosse um outro dia qualquer eu teria ficado muito irritada com a bagunça", ela disse, " mas em vez disso, nós rimos e compartilhamos de um momento divertido".



O estudo matinal das escrituras pareceu estabelecer o tom para o dia todo.



Que lugar especial para se estar em um "dia perfeito"! Estávamos lá na casa do Senhor, servindo na casa do Senhor, ao lado de irmãos e irmãs maravilhosos, ajudando outras pessoas no caminho para o reino celestial."

Matthew disse à congregação que, na conversa com sua família a respeito do "dia perfeito", "acabamos por entender a necessidade de nos aperfeiçoarmos um pouco a cada dia. Há alguns meses que minha esposa Joan está muito doente, e isto tem afetado a família toda. Acabamos por confiar mais no Senhor e a buscar diariamente a sua orientação, e assim, reconhecendo e entendendo melhor o poder do sacerdócio. Para nosso "dia perfeito", concordamos em que precisamos continuamente apoiar um ao outro, e viver de modo que possamos ser dignos das bênçãos que recebemos."

Depois de ouvir os relatos daqueles que haviam aceitado a designação do "dia perfeito", perguntei ao bispo por que ele havia lançado o desafio.

"Sempre pensei a respeito de viver um dia perfeito, disse ele." Mas sofremos tantas influências e pressões exteriores num dia comum, que raramente podemos concentrar-nos no lado espiritual e idealista. E muitas vezes falamos na impossibilidade de viver um "dia perfeito" ou uma vida perfeita. Mas eu senti, de maneira muito forte, que era o momento certo para os membros da ala tentarem.

Acho que descobrimos que podemos tornar as coisas um pouco mais perfeitas, independente das circunstâncias. Nenhum dos membros da ala envolvidos nessa designação teve de fazer um investimento em dinheiro, mas realmente todos tiveram de fazer um investimento em tempo, e dar de si mesmos.

Muitos de nós na ala, não apenas aqueles que se comprometeram a aceitar o desafio, também tentamos viver um "dia perfeito". Como resultado, tornamo-nos mais conscientes dos desafios envolvidos em nosso próprio aperfeiçoamento e tentamos com mais afinco, viver de maneira digna de ter o Espírito do Senhor conosco."

Embora o desafio do bispo em relação ao "dia perfeito" não causasse mudanças imediatas em nossa vida, ajudou-nos na estrada rumo à perfeição — algo que todos nós esperamos alcançar.

Brenda Bloxham Hunt, dona de casa, mora na ala Belvedere, Estaca Salt Lake Wells.

Steve Bunderson

ASSISTIDAS POR ANJOS

Barbara W. Winder Presidente geral da Sociedade de Socorro

O Senhor deu às mulheres SUD o privilégio de moldar a vida dos que nos foram confiados, servindo-os e cuidando deles.

No discurso proferido na sessão do sacerdócio, na Conferência Geral de abril de 1988, o Élder James E. Faust, dos Conselho do Doze, referiu-se às mulheres como "o enriquecimento da humanidade". Ele as elogiou por seus dotes únicos e por suas "investiduras reais", e assegurou-lhes que são assistidas por anjos "em seu ministério de mãe". Pois, como disse o Profeta Joseph, "está de acordo com sua natureza".

Como santos dos últimos dias, agindo "de acordo com nossa natureza", reconhecemos que a maternidade é um encargo divino. Embora de quando em quando outros deveres possam requerer nossa atenção, nunca esquecemos nosso potencial para servir as crianças e cuidar delas. Uma mulher pode realizar isto com um marido íntegro ao seu lado, ou como única responsável pelos filhos, ou ainda quando solteira, ao ensinar e cuidar dos filhos de outras mulheres.

Fico impressionada, embora não surpresa, com o fato de em todas as culturas haver os mesmos sentimentos das mães por seus filhos e dos filhos por suas mães. Independente das circunstâncias em que vivem — ricas ou pobres, com oportunidades de adquirir escolaridade ou não os sentimentos são geralmente os mesmos. As mães quase sempre fazem tudo para assegurar o bem-estar de seus filhos. Nenhum sacrifício é grande demais.

Muitos exemplos, típicos de mães e de cuidados maternos em todos os lugares, nos vêm de imediato à mente. Em Lima, Peru, uma mãe mostrou-me fotos de seus quatro filhos e duas filhas. Com grande orgulho, falou-me de suas realizações. Apesar das oportunidades limitadas de estudos mais avançados, cada um de seus filhos freqüentou a faculdade, graças a seus esforços e determinação. Seus objetivos para eles eram mais do que objetivos materiais. Ela os treinou para darem de si mesmos, para contribuírem na Igreja e na comunidade. Naquela terra onde membros novos estão se filiando à Igreja com enorme rapidez, cada um desses filhos é agora capaz de ajudar muito como líder da Igreja.

Nas Filipinas, visitei um pequeno ramo em um posto solitário. Os membros reuniam-se em uma casinha construída sobre palafitas. Uma senhora idosa declarou ser a mãe e avó da maior parte dos presentes naquela pequena sala de aula. Sobre uma mesa e apoiado à parede, havia um quadro-negro no qual ela escrevera, ordenadamente os pontos principais da aula. Depois, disse-me que a melhor coisa que podia fazer por sua família e pelos outros era ensinar. Várias vezes ela repetiu: "Amo minha família. Eu os ensino."

Para fazer isso, a mãe tem de estar constantemente ciente das necessidades de seus filhos. Tem de incentivá-los em sua vida, participando e aprendendo com eles.

Quando eu estava visitando Hiroshima, Japão, conheci um menino de onze anos, prestes a se tornar diácono. Ele foi designado para falar em uma conferência de estaca. Embora bastante amedrontado, citou as escrituras com facilidade e fez um sermão poderoso. Não havia dúvida a respeito de qual rosto feliz e sorridente naquela congregação era o de sua mãe.

Recentemente, visitei a mãe de uma grande família, que conheci e admirei por muitos anos. Vi as crianças crescerem e se desenvolverem. Estudo, missão, casamento no templo, tudo isso fazia parte de seu programa. Perguntei a ela qual era o segredo de seu sucesso. Modestamente, ela me disse que o sucesso ainda não fora alcançado, que a vida era uma série

Steve Bunderson

Milagres ocorrem, quando mulheres são capazes de expressar o desejo de "fazer o papel de mães", prestando um serviço responsável e altruísta que abençoa a humanidade.

contínua de testes e desafios. Mas ela realmente afirmou que manter fortes laços familiares havia sido muito importante na vida deles.

Ela disse: "Reconhecemos que as necessidades de cada membro da família precisam ser tratadas com dignidade e respeito. Embora a capacidade e os talentos das pessoas sejam diferentes, cada um precisa saber que é filho de Deus e amado por ele. Fazemos conferências familiares regulares (mesmo depois que os filhos casaram). Sentimos que, uma vez que a Igreja tem conferências gerais para edificação e instrução dos santos, precisamos ter conferências familiares com o mesmo propósito. Elas realmente fortaleceram o amor em nossa família."

O mesmo compromisso foi expresso pelas dez mulheres SUD nos Estados Unidos, indicadas para os prêmios nacionais de Mãe do Ano e Jovem Mãe do Ano. Cada uma dessas irmãs falou do amor incondicional e do valor do trabalho como formadores de caráter. Elas exaltaram as virtudes do riso, do canto, do beijo, do elogio, e da edificação da auto-estima. Regozijam-se na fé que tem uma criança, no milagre da aprendizagem, na oportunidade de aconselhar, na emoção da descoberta, nas possibilidades de crescimento, e no compartilhar a realização de sonhos.

Não é surpreendente que as mulheres SUD sejam escolhidas para receber reconhecimentos especiais. Como nos lembra o Presidente Gordon B. Hinckley, da Primeira Presidência:

"A Igreja tem estado na linha de frente, treinando as filhas de Sião.

...Cremos e temos ensinado constantemente ...que a maior missão de uma mulher na vida é um casamento honrado e feliz, criando uma família honrada e feliz. Isto significa proteger e cuidar de um modo muito real e pessoal... Mas isso não entra em conflito com outras atividades. Há enormes responsabilidades para as mulheres na Igreja, como também na comunidade, compatíveis e em total harmonia com o casamento, a maternidade e a criação de filhos bons e capazes."

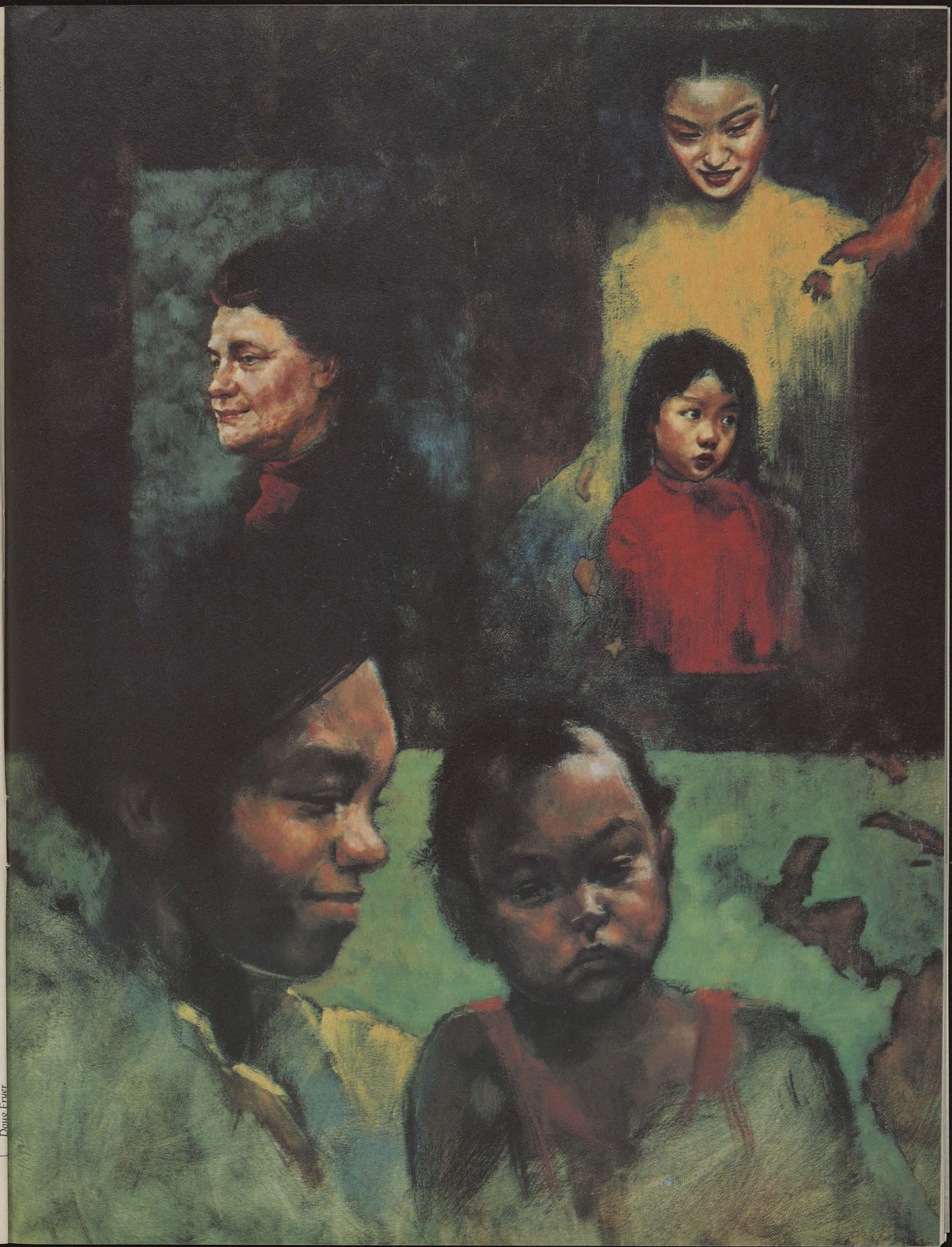
Muitas mulheres que não têm filhos nesta vida, exerceram uma influência eterna sobre os filhos de outras pessoas, treinando-os e cuidando deles. Minhas primeiras lições a respeito de jejum e oração me foram dadas por uma diretora de escola, que me ajudou a incorporar essas experiências em minha vida. Milagres ocorrem, quando mulheres são capazes de expressar o desejo de "fazer o papel de mãe", prestando um serviço responsável e altruísta que abençoa a humanidade.

À medida que entendo os muitos talentos e características das mulheres, percebo o quanto sua força é necessária nesta dispensação. Temos de nos lembrar que somos filhas de Deus aqui, para oferecer carinho edificante umas às outras, à família e aos amigos — um cuidado carinhoso para aplainar os altos e baixos da vida, sentidos por todos.

Que grande oportunidade temos de cumprir o papel que nos foi designado por Deus! Ele nos deu o privilégio de moldar a vida dos que nos foram confiados. Mesmo aquelas que não foram abençoadas com filhos próprios ainda podem influenciar outras pessoas, treinando-as e cuidando delas. Não importa onde vivamos, se somos ricas ou pobres, se nossa família é grande ou pequena. Cada uma de nós pode compartilhar esse amor cristão em nosso "ministério materno".

(Adaptado de um artigo do Church News.)

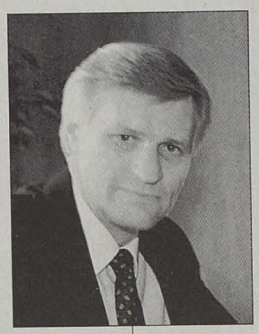
Doug Fryer



Dana Fryer

CHORANDO COM OS SANTOS

Bispo Glenn L. Pace Segundo Conselheiro no Bispado Presidente



Há vários anos, ouvi uma música popular que continha o seguinte verso: "Prefiro rir com os pecadores do que chorar com os santos." Minha reação imediata a essas palavras foi de raiva. No dia seguinte, ouvi a música novamente, e ri de mim mesmo, porque entendi a razão pela qual o verso me deixara com tanta raiva. Era porque ele parecia verdadeiro!

Quando estava na escola primária, meus pais me faziam ir à Igreja aos domingos, enquanto outras pessoas iam ao cinema. No final do curso primário, eu recolhia ofertas de jejum, enquanto outras pessoas dormiam até o meio-dia. Na escola secundária, eu não trabalhava no domingo, nem ganhava salário dobrado em um armazém. Ao invés disso, guardava o Dia do Senhor. Durante a missão, eu andava pelas ruas nas noites de sábado com meu companheiro, enquanto outras pessoas de nossa idade passavam por nós nos carros com as namoradas, rindo, apontando para nós e perguntando: "Quem são aqueles sujeitos estranhos?"

Nos primeiros anos de nosso casamento, minha mulher e eu freqüentávamos a Igreja com nossos filhos irrequietos. No Superdomingo — o dia mais importante do ano no campeonato de futebol — enquanto o resto do mundo comia, bebia e torcia, nós tentávamos incentivar nossos filhos a ouvirem as palavras de um membro do sumo-conselho da estaca. Em outras ocasiões, enquanto viajávamos em nosso carro velho e usado, parávamos em um semáforo ao lado de um automóvel de luxo. Os ocupantes, com o número "correto" de filhos (segundo a sociedade), vestidos na última moda, olhavam condescendentemente, para meus seis filhos, vestidos com as roupas de segunda mão compradas em uma loja de artigos remarcados.

Senti-me um tanto frustrado no ano passado, quando meus filhos, em idade de faculdade me persuadiram a assistir a um concerto na Universidade Brigham Young; quando o cantor anunciou a música da qual aquele verso foi tirado, disse: "Não estou tentando converter ninguém; só quero apresentar-lhes uma alternativa." Eu queria correr até o palco, pegar o microfone e dar minha opinião a respeito do assunto. Naturalmente, isto teria horrorizado meus filhos e, assim, controlei-me.

A afirmação "os pecadores riem e os santos choram" é uma abordagem simples da vida — simples demais; ignora a realidade. Alguns pecadores deixam um rastro de vidas destroçadas e muitas lágrimas, e nós, santos dos últimos dias, definitivamente temos nossa quota de riso. Mas para os santos, assim como para os pecadores, tudo o que é significativo na vida não tem de ser divertido. No entanto, em determinados momentos, não é verdade que muitos daqueles que não fazem nenhum esforço para viver os padrões da Igreja parecem estar aproveitando a vida mais do que nós?

Nossa vida como santos dos últimos dias parece ser controlada por mandamentos, expectativas, serviço, sacrifício e obrigações financeiras. No mundo, vemos pessoas sem nenhuma dessas assim chamadas restrições — pessoas que estão em casa com a família mais do que apenas na noite de segunda-feira e que têm de 10 a 15 por cento mais de sua renda bruta para gastar. No momento em que nós, santos dos últimos dias, cumprimos nossas obrigações financeiras na Igreja, não nos sobra o suficiente para fazer nada de errado!

Sejamos honestos conosco mesmos: os santos realmente choram muito. Mas também, nada que tenha valor vem facilmente. A felicidade celestial que buscamos não é conseguida sem esforço.

Algumas vezes, em meio às provações, bradamos: " O que fiz de errado para merecer isto?" Muitas vezes, as tribulações acontecem em nossa vida não porque estejamos fazendo algo errado, mas por causa daquilo que estamos fazendo certo.

Em Meio às Provações

Algumas vezes, em meio às provações, bradamos: "O que fiz de errado para merecer isto?" Muitas vezes, as tribulações acontecem na vida não porque estejamos fazendo algo errado, mas por causa daquilo que estamos fazendo certo. Estamos lutando por nos purificarmos e nos santificarmos, o que nos levará à exaltação. Todos nós precisamos passar por um certo fogo, para que nosso espírito se torne moldável nas mãos do Senhor.

A vida de Joseph Smith exemplifica este princípio. Provavelmente não houve um período pior em sua vida, segundo os padrões do mundo, do que o inverno de 1838-1839, quando esteve preso na cadeia de Liberty. Os santos estavam sendo perseguidos, roubados, assassinados, e havia dissenção e apostasia em suas fileiras.

Podemos estar propensos a subestimar o sofrimento de Joseph. Não falo da frieza da prisão, mas de seu desânimo. Podemos pensar que sua angústia seria aliviada pela lembrança de ter visto o Pai e o Salvador e pela lembrança das visitas de Morôni, João Batista, Pedro, Tiago, João, e uma série de outros mensageiros celestiais.

Na realidade, este conhecimento pode haver-lhe intensificado a dor. Afinal, Joseph tinha um conhecimento perfeito de que Deus podia libertá-lo. Foi nesse ambiente que Joseph bradou ao Senhor: "Ó Deus, onde estás? E onde está o pavilhão que cobre o teu esconderijo?" (D&C 121:1.)

Esta súplica angustiada teve a resposta do Senhor: "Meu filho, paz seja com tua alma; a tua adversidade e as tuas aflições serão por um momento" (D&C 121:7). Acrescentou: "Saibas tu, meu filho, que todas estas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem" (D&C 122:7).

"Para o teu bem"? Que bem seria possível advir dessa experiência? Uma antiga Autoridade Geral, B. H. Roberts, deu-nos uma idéia a respeito do bem que poderia advir de uma experiência assim, quando descreveu as reações de Joseph a uma experiência semelhante, em 1842:

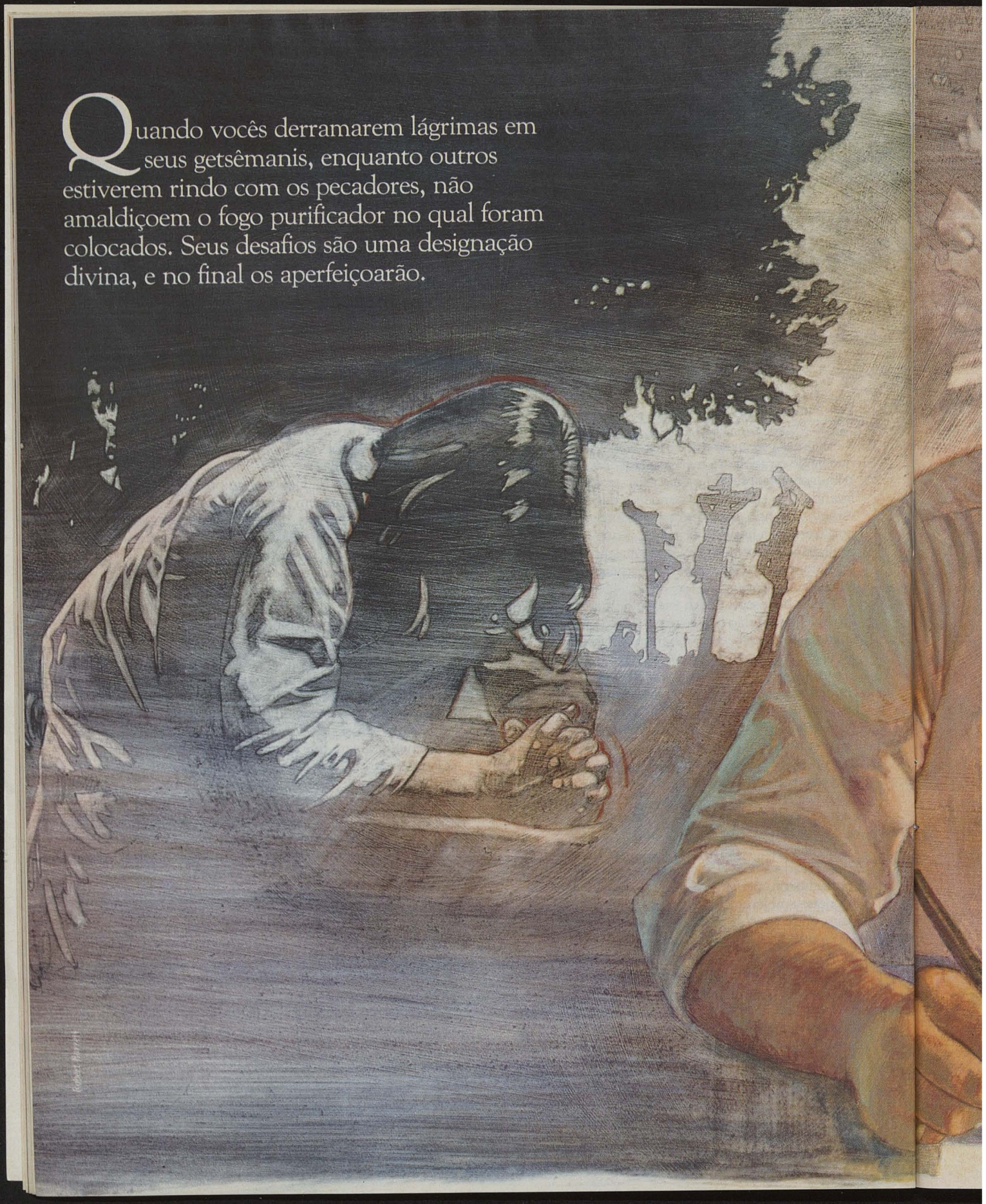
"... as provações da vida são sempre benéficas quando não endurecem nem brutalizam a alma do homem; e todos os dias, durante suas provações, o Profeta parecia tornar-se mais terno, mais universal em sua compaixão; seus momentos de exaltação espiritual são soberbos. Ninguém pode ler a respeito deles e duvidar de que a inspiração de Deus estava dando compreensão ao espírito deste homem." (Joseph Smith, *History of the Church*, 7 volumes, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1978, volume 5, p. 28.)

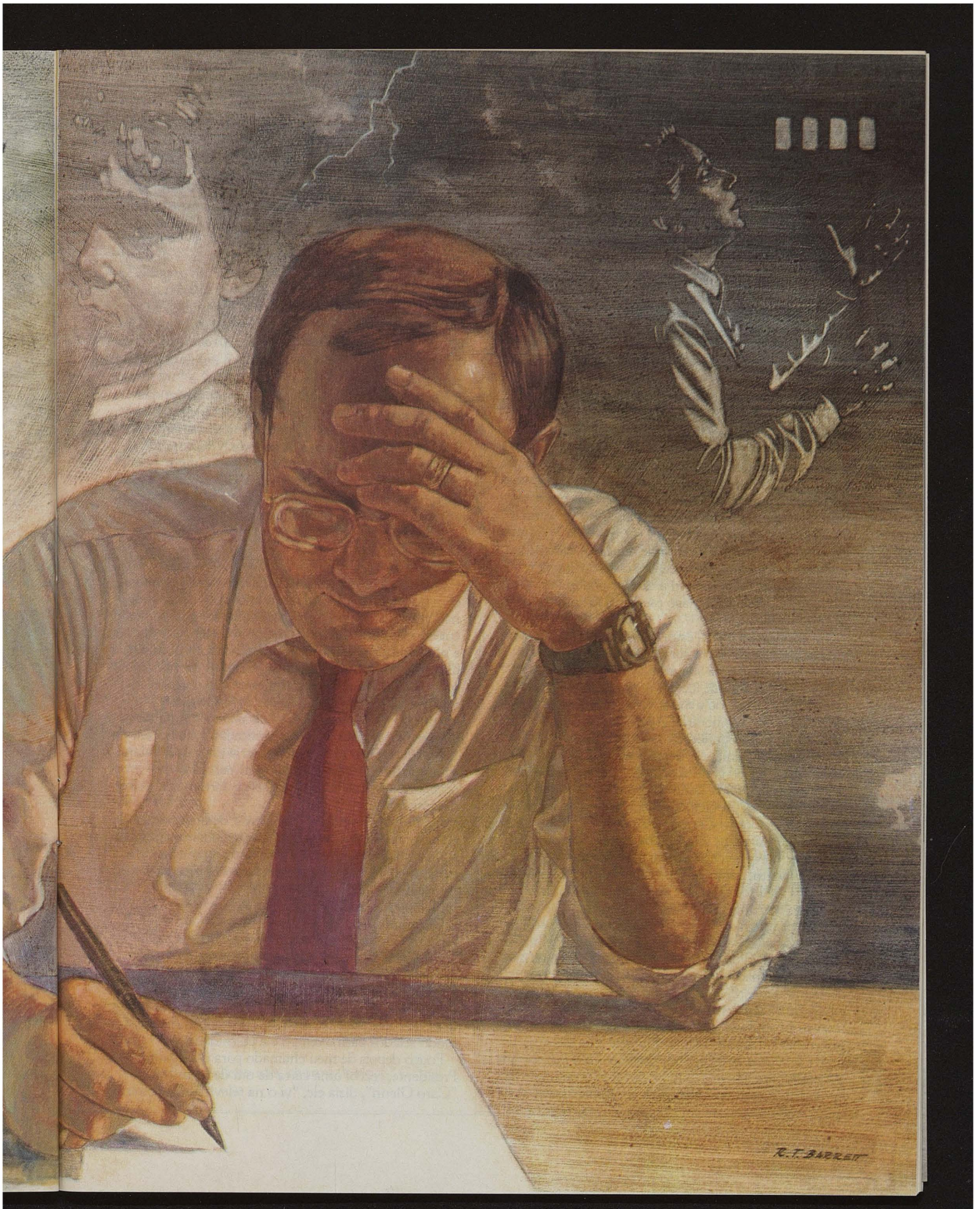
Depois de dizer a Joseph: "Todas estas coisas te servirão de experiência e serão para o teu bem," o Senhor acrescentou: "O Filho do Homem submeteu-se a todas elas. És tu maior do que ele?" (D&C 122:8.)

Uma das razões pelas quais o Salvador sofreu no Getsêmani foi para que tivesse uma compaixão infinita por nós, quando passássemos por provações e tribulações. Por intermédio do sofrimento no Getsêmani, o Salvador tornou-se qualificado para ser o juiz perfeito. Nenhum de nós será capaz de dirigir-se a ele no Dia do Julgamento e dizer: "Não sabes como é." Ele conhece a natureza de nossas provações melhor que nós, pois "submeteu-se a todas elas".

Enquanto um Pai Celestial amoroso via seu Filho Amado sofrendo no Jardim do Getsêmani, o Salvador bradava: "Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres." (Mateus 26:39.)

Conseguimos imaginar as lágrimas nos olhos do Pai, quando teve de negar o pedido de seu Filho? Conseguimos compreender as lágrimas sagradas derramadas pelo Pai, quando teve de abandonar o Salvador na cruz e ouvi-lo dizer: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Marcos 15:34.) E no entanto, no mesmo momento em que Deus, o Pai, e


Quando vocês derramarem lágrimas em seus getsêmanis, enquanto outros estiverem rindo com os pecadores, não amaldiçoem o fogo purificador no qual foram colocados. Seus desafios são uma designação divina, e no final os aperfeiçoarão.


R. T. BARRETT

Uma vez que sentimos a alegria do evangelho, não há como voltar ao mundo frívolo.

seu Filho, Jesus Cristo, choravam, os pecadores riam.

Nosso Próprio Getsêmani

Cada um de nós passa por seu próprio getsêmani. Não há provavelmente nenhum getsêmani maior para santos ou pecadores do que a morte de um de seus filhos. Alguns minutos depois de saber da morte acidental de sua filha de dez anos, certo pai que conheço escreveu uma carta para ela. Notem como o getsêmani desse bom homem se tornou uma experiência sagrada por causa de seu conhecimento do evangelho e do dom que recebera do Confortador. Comparem esta reação com a que ele poderia ter tido sem a luz do evangelho (faço esta citação com a permissão dele):

"Se você puder ouvir, estes são os pensamentos que seu pai gostaria de expressar nesta hora de alegria e tristeza para ele e para sua mãe.

Você foi um anjo de luz em nosso lar. Mesmo na morte, você santificou a experiência pela doce tristeza desta separação temporária. Ao sentar-me neste quarto de hotel, a muitos quilômetros de distância de casa e apenas alguns momentos depois de saber do seu falecimento, tenho certeza de que você está *realmente* em casa. É bom saber que você não está presa às limitações físicas problemáticas que aceitou e viveu de maneira tão adorável, sem queixas.

Sua mãe, eu e seus sete irmãos e irmãs somos melhores, porque você veio para nosso lar. Logo depois do nascimento, como você precisava de atenção e cuidados médicos especiais, ajudou-nos a aceitar o medo e o desconhecido, a amar mais as pessoas com problemas físicos, emocionais ou mentais, e a pedir e suplicar a nosso Pai, que hoje você conhece melhor que nós. À medida que você crescia, aprendemos com a sua determinação. Você teve todo o direito de derramar seu leite, mas nunca o fez. Conseguiu a média de 97 por cento em ditados durante um ano inteiro, e com forte determinação lutou com a matemática. Sentava-se com sua mãe e lia todas as noites sem uma queixa. Sim, nós fizemos o melhor que pudemos para ajudá-la a aprender, mas o que aprendemos com você não pode ser impresso em livros. Não pode ser escrito, porque é muito sagrado para ser descrito.

Oramos por todos nós, que o Senhor espera que fiquemos aqui na terra por mais algum tempo. Nossas orações são que sejamos dignos de nos unir novamente a você, e que a vejamos sã e perfeita. Oh, como gostaríamos de que você tivesse ficado! Como gostaríamos de ouvi-la dizer, como dizia: "Eu te amo!" Como nos emocionaríamos, ao sentir aquele abraço apertado! Ah, sim, especialmente hoje."

O Fogo Purificador

Quando derramarmos lágrimas em nosso getsêmani, enquanto outros estiverem rindo com os pecadores, não amaldiçoemos o fogo purificador no qual fomos colocados. Nossos desafios são uma designação divina, e no final nos aperfeiçoarão. Os santos dos últimos dias não buscam as coisas desagradáveis da vida. Nós não buscamos a dor e o sofrimento. No entanto, reconhecemos que as provações e tribulações acontecem para todos nós, e elas podem ajudar-nos a crescer no caminho para a santificação e exaltação.

Falei a respeito de lágrimas de tristeza e dor. Falarei agora de um tipo diferente de lágrimas. Elas são peculiares aos santos e nunca serão derramadas pelos pecadores.

Quando eu estava na presidência de um quorum de élderes, trabalhávamos com várias famílias menos ativas. Em uma entrevista pessoal com um casal, perguntei: "Já não seria tempo de vocês irem ao templo com sua família?"

Não pude acreditar na resposta deles: disseram: Sim.

Choramos.

Eles foram designados para falar sobre sua "conversão", na sessão de sábado à noite da conferência da estaca, e, quando expressaram seu amor, chorei. Eu pensava ter usado todas as minhas lágrimas no momento em que fomos ao templo — até que os vi com suas belas filhas ajoelhados no altar, sendo selados para o tempo e a eternidade.

Pouco depois de meu chamado para o Bispado Presidente, recebi uma carta de um de meus tios. "Caro Glenn", dizia ele, "vi-o na televisão no domingo

passado. Você percebe o grande feito que foi, fazer seu velho tio pecador assistir a uma conferência geral?"

Naquele verão, ele e minha tia comemoraram cinqüenta anos de casamento. Depois da recepção, acompanhei-os até o carro e disse: "Se vocês quiserem encontrar-me no Templo de Lago Salgado, gostaria muito de fazer o seu selamento."

Passou-se um ano. Cheguei tarde em casa certa noite e encontrei um recado para mim: "Por favor, telefone para seu tio, não importa a hora que chegue em casa."

Telefonei, e ele disse: — Glenn, estou telefonando para lembrar a sua oferta de um selamento matrimonial no Templo de Lago Salgado, feita em nossas bodas de ouro.

— Está falando sério? Quando? — perguntei.

Ele disse: — Em dezembro. O bispo acha que eu estarei suficientemente preparado até lá.

Selei-os um ao outro e depois selei a eles dois de seus filhos. Após cinqüenta e um anos de casamento, meus tios receberam as grandes bênçãos do templo, e toda família chorou.

O Presidente Chorou

Certo dia, depois de o Presidente Ezra Taft Benson haver estado doente por algum tempo, encontrou-se de novo diante das Autoridades Gerais da Igreja, em nossa reunião mensal no templo. Era a primeira vez que estávamos com ele, nos últimos dois meses. Ele expressou-nos seu amor e disse: "Irmãos, é tão bom estar com vocês novamente!" E então o Presidente chorou.

No final da visita do Salvador ao povo de Néfi, ele sentiu seu amor e fé e ficou profundamente emocionado. Acabara de anunciar que tinha de partir, mas, quando olhou para aquele povo, "viu que estavam em lágrimas e o miravam atentamente, como se quisessem pedir-lhe que permanecesse um pouco mais entre eles.

Então lhes disse Jesus: "Eis que minhas entranhas estão cheias de compaixão por vós" (3 Néfi 17:5-6).

Então ele curou os enfermos, e aqueles que foram curados "prostraram-se a seus pés e o adoraram; e ...beijaram seus pés, de modo que os banharam com suas lágrimas" (3 Néfi 17:10).

E então Jesus "ordenou que as criancinhas fossem trazidas à sua presença.

Trouxeram, pois, suas criancinhas e as colocaram no chão, ao redor dele...

E ele lhes disse: Bem-aventurados sois, em virtude de vossa fé. Eis que agora é completa a minha alegria.

E depois de ter dito estas palavras, chorou... e tomou das criancinhas, uma a uma, abençoou-as e rogou por elas ao Pai.

E depois de ter feito isso, chorou de novo" (3 Néfi 17:11-12; 20-22).

O Élder Bruce R. McConkie falou a respeito de lágrimas na conferência geral, apenas algumas semanas antes de sua morte. Em um dos mais poderosos testemunhos que já ouvi, essa testemunha especial, que tinha conhecimento total e completo de que sua partida desta vida mortal estava próxima, disse: "Quanto a Jesus Cristo, testifico que é o Filho do Deus Vivo, que foi crucificado pelos pecados do mundo. Ele é nosso Senhor, nosso Deus e nosso Rei. Isso sei por mim mesmo, independente de qualquer outra pessoa.

Sou uma de suas testemunhas, e num dia que se aproxima, apalparei as marcas dos cravos em suas mãos e pés, e hei de derramar lágrimas sobre seus pés." ("O Poder Purificador do Getsêmani", *A Liahona*, julho de 1985, p. 11.)

Aqueles que presenciaram esse magnífico discurso podem testificar que suas lágrimas rolavam, enquanto estava no púlpito. Não eram lágrimas de tristeza, mas de alegria, pela antecipação das bênçãos que o esperavam.

Exatamente um dia antes do discurso do Élder McConkie, eu havia recebido o chamado para o Bispado Presidente. Um dia depois de seu discurso, na manhã da Páscoa, às 5 horas, eu estava escrevendo minhas notas para um discurso a ser proferido naquela tarde. Ao refletir a respeito do belo discurso do Élder McConkie, tive perfeito conhecimento de minhas fraquezas e inabilidades. No entanto, quando comecei a entender o que acontecera em minha vida, a dúvida a meu próprio respeito foi substituída pela paz, confiança e alegria eterna. Chorei.

Escrevi palavras que me parece apropriado repetir nesta ocasião: "Amo o Senhor Jesus Cristo. Amo a transformação que sua expiação operou em mim... Eu me encontrava nas trevas e agora vejo luz. Eu havia perdido toda confiança em mim, e agora sei que tudo é possível ao Senhor. Eu antes sentia vergonha, e agora ele "encheu-me com seu amor até consumir a minha carne" (2 Néfi 4:21). "Estarei eternamente cercado pelos braços de seu amor" (2 Néfi 1:15)" ("Confiança no Senhor", *A Liahona*, julho de 1985, p. 88).

Sinto-me agora da mesma forma que naquele domingo de Páscoa. Esse conhecimento me traz lágrimas.

Preferiria eu rir com os pecadores a chorar com os santos? Nem por um momento. Uma vez que sentimos a alegria do evangelho, não há como voltar ao mundo frívolo. Por mais que tentemos, onde quer que estejamos, há um vazio que todo o riso que o mundo tem a oferecer não pode preencher. Esse vazio só pode ser preenchido, se nos colocarmos em sintonia com as verdades eternas e vivermos de acordo com as leis prescritas por Deus.

À medida que nosso entendimento aumenta, percebemos que as lágrimas de tristeza podem ser estranhamente belas — e que elas, afinal, dão lugar às de alegria eterna.

O mundo sabe pouco a respeito da verdadeira alegria. Agradeço a Deus pela restauração do evangelho, que nos dá uma compreensão do que é a verdadeira alegria e de como podemos consegui-la. E oro que cada um de nós descubra a majestade de chorar com os santos. □

Baseado em um discurso proferido na Universidade Brigham Young, Provo, Utah.

As lágrimas de tristeza podem ser estranhamente belas — elas no fim dão lugar às de alegria eterna.



UMA BENÇÃO CUMPRIDA

Stanton McDonald Como médico, tenho estado com muitos pacientes que estão a beira da morte. Mas poucas dessas experiências tocaram meu coração como minha experiência com Cal e Lola Hamilton.



Nancy Crookston

Os dias passavam, e Lola permanecia no hospital. Cal nunca saía do seu lado. Essa tensão muitas vezes traz à tona o pior do caráter de uma pessoa, mas Cal continuava a ser gentil, sem dizer nenhuma indelicadeza ou crítica.

Lola tinha sessenta e dois anos e estava doente havia muito tempo. Quase cega por causa do diabete, tinha uma forte artrite e uma doença crônica no coração e no pulmão. Parecia abatida, exausta, e mais velha do que realmente era.

Mas seu marido, Cal, não considerava a saúde debilitada de Lola como uma carga. Cal era saudável e forte. Parecia dez anos mais jovem do que realmente era, e ainda cuidava de uma fazenda ativa. Não obstante, durante os dois anos em que convivi com eles, sua maior preocupação fora sempre o conforto e bem-estar da esposa.

Cuidar de Lola era praticamente um serviço de enfermagem de tempo integral. No entanto, Cal fazia ele mesmo grande parte desse serviço, sempre com ânimo e entusiasmo. Seus filhos, todos casados, também ajudavam. O cuidado que Lola recebia em casa era muitas vezes melhor do que ela teria em um hospital.

Em dois anos, Lola foi hospitalizada quatro vezes — cada vez por um longo período de tempo. Cal ficava com ela constantemente, dormindo em uma cadeira ao lado dela ou em uma pequena cama de campanha. Ele saía o tempo suficiente para fazer uma refeição apenas, se um dos filhos ficasse lá. Nem uma vez, durante todo aquele tempo, ouvi uma palavra de crítica sobre uma enfermeira, um funcionário do hospital, ou sobre qualquer outra pessoa. Ao contrário, Cal nos elogiava e agradecia.

Quando Lola por fim teve um ataque muito forte, Cal ficou arrasado. Nunca saía do lado dela. Quando estava inconsciente, Lola recebeu uma bênção do sacerdócio, surpreendentemente prometendo-lhe que sua capacidade funcional seria totalmente restaurada. Por causa dessa bênção, fizemos tudo o que podíamos para prolongar-lhe a vida.

Os dias passavam, e Lola permanecia inconsciente. Cal nunca saía do hospital, mas dia a dia a tensão e a agonia em seu rosto cresciam, e o desânimo se tornava visível. Ele parecia tão magro e cansado, que eu achava que ele havia parado de comer. Dormia apenas alguns minutos seguidos de vez em quando. Cada vez que a respiração ruidosa de Lola ficava mais forte ou mudava um pouco, ele levantava de um salto para verificar.

Essa tensão muitas vezes traz à tona o pior do caráter de uma pessoa, mas Cal continuava a ser gentil. Esse homem amável mostrava dignidade na dor.

Certo sábado, após deixar Cal e Lola, voltei à sala dos médicos e afundei em uma cadeira. Lágrimas vieram-me aos olhos, quando pensei na dor e sofrimento de Cal.

Mais uma vez, baixei a cabeça para perguntar ao Pai Celestial se havia alguma coisa que eu, como médico de Lola, pudesse fazer para ajudar. Havia alguma coisa que eu não fizera? Perguntei a respeito da bênção do sacerdócio que Lola recebera. Por que alguém faria tal afirmação? O portador do sacerdócio fora realmente inspirado a dizer o que dissera?

Naquele momento, um pensamento começou a dominar-me a mente. A única maneira pela qual Lola poderia ter sua capacidade total restaurada era passar para a vida futura. Eu tivera esse pensamento antes, e até mencionara a Cal. Mas, desta vez, era acompanhado de um sentimento de grande alegria. Em minha mente, podia ver Lola, doce e atraente, com todas as funções restauradas.

Minha dor desapareceu. Senti a alegria e a paz inconfundíveis que só o Espírito Santo pode trazer.

Saí da sala dos médicos com paz no coração. Poucas horas depois, Lola morreu calma e pacificamente, e Cal foi para casa.

Sou grato a Cal, que, com seu exemplo, me ensinou o significado do amor e do sacrifício. Sou também profundamente grato ao Senhor pelo milagre da revelação pessoal que transformou uma experiência penosa, que poderia abalar-me a fé em algo doce que a edificou. □

Stanton McDonald, médico, vive na Estaca Heber Utah Leste.

TOLERÂNCIA

O INÍCIO DO AMOR CRISTÃO

Ann N. Madsen

Uma das primeiras lembranças de infância a respeito de meu pai, que era um abençoado pacificador, é tê-lo visto resolvendo disputas em família, dizendo: "Sejam tolerantes. Cada um de nós é único. As pessoas *são* diferentes, mas isso não é necessariamente ruim."

Tenho certeza de que lembrar as palavras de meu pai foi o início de minha compreensão a respeito das diferenças nas pessoas.

O Presidente Gordon B. Hinckley comentou a respeito de um problema que está relacionado ao princípio que meu pai ensinou. Disse ele: "Vivemos em uma sociedade que se alimenta da crítica. É tão fácil achar defeitos, e resistir a isso exige muita disciplina... o inimigo da verdade quer-nos dividir e cultivar em nós atitudes de crítica que, se puderem triunfar, só retardarão nossa busca do grande objetivo divino. Não podemos deixar que isto aconteça." (Conferência Geral, abril de 1982.)

Como *devemos* reagir, nesta época turbulenta, quando nos defrontamos diariamente com a crítica e a hostilidade no mundo? E como devemos reagir aos desentendimentos e erros diários em nossa própria vida?

Gostaria de lembrar que parte da resposta pode ser encontrada em duas frases de nossas próprias Regras de Fé. A décima primeira regra de fé diz: "Pretendemos o privilégio de adorar a Deus todo-poderoso, de acordo com os ditames de nossa consciência, *e concedemos a todos os homens o mesmo privilégio*, deixando-os adorar como, onde, ou o que quiserem." (Grifo nosso.)

"Conceder o mesmo privilégio" expressa, naturalmente, a idéia de *tolerância* religiosa. E gosto de pensar que este é um princípio do evangelho que pode ser ampliado, incluindo a tolerância em todas as suas formas, que é o que meu pai desejava que eu entendesse.

Na décima terceira regra de fé, há uma outra frase que está relacionada com a primeira: "Cremos... em fazer o bem a *todos* os homens" (grifo nosso).

Parece-me que "fazer o bem a todos os homens" expressa uma qualidade que vai além de "conceder a todos os homens o mesmo privilégio" — algo que poderiámos chamar de *compaixão*, ou o tipo de amor do Salvador. Acredito que a tolerância leva à compaixão, e que não há atalhos para o amor cristão que possam negligenciar a tolerância.

O oposto da tolerância, naturalmente, é a intolerância, ou insuportabilidade — outra palavra para designar a censura e a crítica que o Presidente Hinckley descreveu. Por que *somos*, às vezes, críticos e intolerantes com aqueles que nos rodeiam?

Sugiro que seja por causa das diferenças que meu pai me apontou. Separamo-nos das outras pessoas pelas diferenças que vemos. Sentimo-nos à vontade com aqueles que se vestem como nós, pensam como nós, e agem como nós; e ficamos constrangidos com aqueles que são diferentes.

Deformações ou diferenças físicas, por exemplo, podem às vezes causar incômodo. É claro que a maioria das pessoas nunca apontaria essas diferenças abertamente. Mas você faria um esforço para ultrapassar a diferença e estabelecer um relacionamento amigável? O evangelho nos ensina que aquilo que é eterno em nós traz uma afinidade que nenhuma diferença física deve prejudicar.

A idade é uma diferença que deve ter muito pouca importância. Lembro-me bem, quando tinha trinta e cinco anos, do momento de ternura em que uma mulher adorável de oitenta e dois anos, que eu carinhosamente respeitava, disse-me o quanto apreciava ter-me como sua amiga. Insensatamente, eu nunca havia visto a amizade superar a chamada barreira de idade daquela forma. Mas, muito do que sei, aprendi observando e ouvindo os mais velhos e mais sábios e os mais jovens e mais sábios que eu.

Algumas diferenças, como as físicas que acabei de mencionar, não tem importância nenhuma, e não



Robert T. Barrett



A TOLERÂNCIA E A PACIÊNCIA PODEM LEVAR-NOS DE ENCONTRO A COMPAIXÃO E AMOR DEMONSTRADOS PELO SALVADOR, O QUAL NUNCA VIU SEUS CRUCIFICADORES COMO INIMIGOS.

deveriam nunca nos dividir. A maioria das diferenças culturais também cai nessa categoria. Somos uma igreja mundial e representamos muitas culturas diferentes.

O conhecimento desse fato nos ajuda nos relacionamentos em que há diferenças que *realmente* importam — diferenças envolvendo valores, princípios, verdade, e a experiência religiosa confirmadora que chamamos testemunho. Devemos apegar-nos à verdade, mas ela não deve ser uma barreira contra a tolerância, a compaixão e o amor. Para aceitar e amar os outros, não temos de adotar suas idéias ou ser condescendentes. Quando as outras pessoas diferem de nós nesses aspectos essenciais, temos de aprender a olhar com olhos que separem as pessoas de suas tradições. Boas pessoas podem ter crenças erradas.

Mais ainda, ter a posse da verdade, *conhecer* princípios retos e verdadeiros, não torna automaticamente um santo dos últimos dias melhor ou mais digno que as outras pessoas. O efeito poderia ser esse, mas o que realmente importa, é viver o que conhecemos, não apenas saber. Joseph Smith nos ensinou: "Todo o mundo religioso se jacta da retidão; a doutrina do diabo consiste em entorpecer a mente humana e impedir o nosso progresso, enchendo-nos de hipocrisia.

Quanto mais nos aproximarmos do Pai Celestial, mais haverá em nós a disposição de sermos misericordiosos com as almas que estão perecendo; sentiremos o desejo de levá-las sobre nossos ombros e suportar nas costas o peso de seus pecados... Se quiserdes que Deus seja misericordioso para convosco, sede misericordiosas umas com as outras" (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, compilado por Joseph Fielding Smith, p. 235).

O evangelho nos ensina a não condenar nossos irmãos por suas fraquezas e pecados, mas a mostrar-lhes pelo exemplo como é possível escapar do pecado, aprendendo e vivendo a verdade. Satanás deve rir,

quando condenamos e criticamos os outros ou os julgamos de maneira errada.

Freqüentemente penso no menino de onze anos que ensinei na Primária, há muitos anos. Ele havia sido tachado de "criador de problemas". Mas, quando passei a conhecê-lo, descobri que o rótulo estava errado; deveria ser "mentalmente alerta", ou "à frente de todos". Ele ficava contrariado porque sabia todas as respostas. Tinha apenas de ser desafiado.

Permitimos que um irmão mude, se arrependa, ou mantemos os rótulos firmemente no lugar — muito depois que eles perderam o seu significado?

Recentemente ouvi a respeito de um homem excomungado que saiu do tribunal da Igreja irado e não arrependido. Muitos de nós, se tivéssemos participado daquele tribunal, poderíamos ter dito: "Muito bem. Ele terá tempo de remediar as coisas." Outros poderiam até ter pensado: "É bom que ele seja afastado." Mas um dos sumos conselheiros presentes passou três noites por semana durante os anos seguintes visitando esse homem, até que ele, arrependido e reativado, foi reintegrado à Igreja.

Qual deveria ser minha reação ao excomungado, recente ou de longa data? Ou à jovem mãe solteira? Ou ao rapaz santo dos últimos dias — ou a qualquer rapaz que seja da idade dos missionários — lutando com um problema de droga ou álcool? Por que não procurarmos esta resposta em Isaías 1:18-19:

"Vinde então, e argüi-me, diz o Senhor: ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã.

Se quiserdes, e ouvirdes, comereis o bem desta terra."

Essa é uma das mais belas mensagens do evangelho, mas às vezes, infelizmente, a escondemos daqueles que relutamos em atingir com nosso amor.

E qual deveria ser minha reação às pessoas de outras religiões, sejam quais forem? Poderíamos aplicar o conselho dado a Lyman Sherman, em Doutrina e Convênios 108:7?

"Portanto, em todas as tuas orações, em todas as tuas exortações e em todas as tuas ações, fortalece a teus irmãos."

A palavra *todas* aparece três vezes nesse versículo. Não há muito espaço para exceções.

Se pudermos aprender paciência, permitindo a todos os homens o privilégio de verem a verdade no seu próprio ritmo, teremos caminhado a passos firmes rumo à compaixão e ao amor do Salvador, que não viu inimigos nos que o crucificaram. Seu exemplo durará para sempre, a fim de nos ensinar o caminho terno da tolerância à compaixão e ao amor perfeito. Com todos os motivos para irar-se contra seus adversários, ele disse, ao invés disso: "E eu, quando for levantado da terra, *todos* atrairei a mim" (João 12:32; grifo nosso), oferecendo-se assim por nós, para que possamos ter a oportunidade de nos arrependermos.

Podemos nós fazer menos que isso pela família de nosso Pai, que abrange todo o mundo? □

A IDADE É UMA DIFERENÇA QUE DEVE TER MUITO POUCA IMPORTÂNCIA. NÓS PODEMOS APRENDER MUITO COM OS MAIS VELHOS, ASSIM COMO COM OS MAIS JOVENS E SÁBIOS.



MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES

CADA MEMBRO É UM MISSIONÁRIO

Objetivo: Lembrar às irmãs que todos os santos dos últimos dias podem ser missionários eficientes.

A incumbência do Senhor de "pregar o evangelho a toda criatura" (Marcos 16:15) aplica-se a nós tanto quanto se aplicou aos discípulos da antigüidade. "Temos de levar a obra missionária mais a sério", disse o Presidente Ezra Taft Benson. "De nós se espera mais do que de qualquer geração passada." ("Nossa Responsabilidade de Compartilhar o Evangelho", *A Liahona*, julho de 1985, p. 6.)

A título de exemplo de como podemos nos preparar para ser missionários eficientes, podemos observar os quatro filhos de Mosiah. Com certeza eles tiveram medo de pregar. Mas à medida que pregavam, seus corações "encheram-se de coragem" (Alma 17:12).

Esses jovens arrependeram-se de seus pecados e tentaram de todo o coração viver o evangelho (ver Mosiah 27:32-37). Eles "haviam examinado diligentemente as escrituras para conhecer a palavra de Deus". Também jejuaram e oraram, para que o Senhor "lhes concedesse que uma porção de seu Espírito os acompanhasse... a fim de que servissem de instrumento nas mãos de Deus e assim conseguissem... levar seus irmãos... ao conhecimento da verdade" (ver Alma 17:2-3, 9). A preparação deles pode servir-nos de exemplo.

"Não precisamos ser mandados a cidades distantes, ou países longínquos para sermos missionários", diz o Élder Ballard. "O vizinho ao lado, nossos amigos, conhecidos, familiares, parentes e o desconhecido que mora em nossa rua são todos parte do mundo com o qual deveríamos estar compartilhando a mensagem do evangelho."

Élder Ballard esboçou um procedimento que pode ajudar-nos na obra missionária. Primeiro, podemos, em espírito de oração, estabelecer uma data em que tenhamos alguém preparado para ouvir a mensagem do evangelho. Segundo, podemos jejuar e orar por orientação a respeito da pessoa com quem o Senhor aprovaria que compartilhássemos o evangelho. "Tereis experiências espirituais especiais à medida que o Senhor vos inspirar", diz o Élder Ballard. "Ele vos aguçará a visão desta obra, lembrando-vos de nomes de não-membros... sereis abençoados para saber o que dizer e como abordar cada pessoa."

À medida que buscarmos a orientação do Senhor para fazer a obra missionária, traremos muitas bênçãos à nossa própria vida e à vida de outras pessoas. "Nenhuma alegria", diz Élder Ballard, "se compara a de levar a luz do Evangelho de Jesus Cristo à vida de um dos filhos do Pai Celestial" (Conferência Geral, outubro de 1984, *A Liahona*, janeiro de 1955, p. 17).

Sugestões para as Professoras Visitantes:

1. Leia Alma 17 e Alma 26. Debata como podemos seguir o exemplo dos filhos de Mosiah ao nos prepararmos e, depois, ao fazermos a obra missionária.

2. Conte uma experiência de quando compartilhou o evangelho com um não-membro ou com um membro menos ativo. Incentive a irmã a orar por orientação a respeito de alguém com quem poderia compartilhar o evangelho. □

(Ver o Livro de Recursos para a Noite Familiar, pp. 109-115 e 208-209, para obter materiais correlatos.)



O jovem era incapaz de andar ou carregar qualquer coisa, contudo, o seu bispo encontrou uma maneira criativa a fim de capacitá-lo a servir o sacramento.

Ondre Pettingill

AJUDAR OS DEFICIENTES

Carmen B. Pingree

O bispo de um rapaz de doze anos confinado a uma cadeira de rodas, foi à casa dele com uma fita métrica. Uma vez que o jovem não podia andar nem carregar nada, esse sensível líder do sacerdócio mediu a cadeira de rodas e fez um suporte de madeira onde poderia ser colocada a bandeja do sacramento. Agora os membros da ala testemunham um belo exemplo de caridade em ação a cada semana, à medida que outros portadores do sacerdócio se revezam, empurrando a cadeira de rodas, de modo que ele possa passar os emblemas sagrados para a congregação.

Muitos membros com necessidades especiais são amados e aceitos pelo que são e pelo que podem fazer; muitos líderes e membros da Igreja reagem de maneira prestativa e positiva. No entanto, às vezes entendemos mal, sentimo-nos ignorantes, ou temos receio. Examinemos alguns desses conceitos errados — e o modo de resolvê-los.

CONCEITO ERRADO 1:

O argumento "necessidades especiais" não me diz respeito realmente, porque não há mais que uma ou duas pessoas com deficiências em nossa ala.

FATO 1:

A porcentagem de pessoas com deficiências, entre a população em geral, é semelhante à da população da Igreja. Em algumas áreas, isso pode significar um número substancial. Mas, se há tantos membros com necessidades especiais, por que não os vemos na Igreja? Há pelo menos duas razões:

Primeira, a maioria das pessoas que têm deficiências, não parecem incapazes. Os cegos, por exemplo, ou os que estão em cadeira de rodas representam apenas uma pequena porcentagem. A maioria das pessoas deficientes parecem perfeitamente normais, como as que têm dificuldade para aprender, problemas intelectuais, problemas de comunicação, deficiências de audição, e problemas de comportamento.

Segunda, não vemos mais pessoas com deficiências na Igreja, porque elas não comparecem. Pergunte a si mesmo: Eu iria à Igreja, se não me sentisse à vontade lá, se não pudesse entender o que se passa lá, ou se não tivesse a oportunidade de participar?

CONCEITO ERRADO 2:

Talvez algumas pessoas não freqüentem a Igreja por causa de suas deficiências, mas isso não pode ter um impacto sério na atividade geral dos membros de nossa congregação.

FATO 2:

A atividade, na Igreja, de um indivíduo portador de uma deficiência afeta toda a sua família. Se a pessoa com necessidades especiais se vê rejeitada, ou pouco à vontade com as providências tomadas, e fica afastada da Igreja, um membro da família geralmente deve ficar

Ondre Pettingill



Phil Shurtleff

em casa para cuidar dela.

Você consegue perceber a sensação de isolamento neste comentário do pai de uma jovem com um problema mental: "As famílias que têm filhos com problemas mentais levam uma vida solitária. Doenças mentais são comuns, e no entanto o assunto é muitas vezes ignorado, rejeitado ou evitado. Alguns sentem que uma pessoa deficiente é uma desgraça ou uma punição para a família."

"Descobri que os deficientes ainda são em grande parte um problema evitado", diz certa mãe. "Os membros da ala não o discutem, e a família fica sozinha para enfrentar seus desafios. Passamos por experiências, em que foi preciso recorrer a organizações fora da Igreja, para encontrar ajuda e orientação."

Certa mãe de um filho com necessidades especiais diz: "Quando nos mudamos para uma nova ala, chamei o bispo para ver se havia uma classe para Adam. Telefonei várias vezes, mas ninguém entrou em contato comigo. As professoras visitantes e os mestres familiares começaram a perguntar por que não estávamos freqüentando a Igreja. Novamente eu perguntei se alguém poderia ajudar-nos em nosso problema. Mas, à medida que o tempo passava e ninguém respondia, começamos a nos afastar da Igreja. Meu marido e eu nos divorciamos, e eu comecei a freqüentar outra igreja, porque eles tinham uma classe todos os domingos para crianças especiais. Qualquer pessoa de qualquer credo era bem recebida."

Felizmente, essa boa mulher mais tarde se casou com um homem com quem os missionários fizeram contato e ele se filiou à Igreja. A família mudou-se para uma nova área, onde os líderes atenderam às necessidades do filho, e a família toda foi agora selada no templo.

Essas experiências mostram que o atendimento às necessidades de uma pessoa com deficiência pode ter um amplo impacto sobre a freqüência e salvação de uma família inteira. Há muitas famílias assim, lutando ainda e necessitando desesperadamente de nosso amor e preocupação. Nosso cuidado pode contribuir para que aconteçam mais "finais felizes". (Para uma análise mais profunda das famílias que enfrentam esse desafio, ver discurso do Élder James E. Faust, "The Works of God", Conferência Geral, outubro de 1984.)

CONCEITO ERRADO 3:

Se uma pessoa não é totalmente responsável, ela não tem necessidade de aprender o evangelho.

FATO 3:

Todas as pessoas, inclusive aquelas com problemas intelectuais, precisam entender, o quanto lhes for possível, os princípios do evangelho, para que possam ver a mortalidade na perspectiva do plano de salvação.

Os princípios do evangelho podem dar aos indivíduos com deficiências a habilidade e a paz interior de que precisam para suportar as provações na vida. O evangelho os ajuda a ter mais compreensão, paciência, coragem e esperança. Abençoa-os com a certeza de que têm valor e são amados.

Essas pessoas boas precisam saber que, apesar de suas deficiências, são importantes no reino do Senhor. É nosso privilégio ensiná-las e adorar ao lado delas.

Uma professora da Primária aprendeu a usar a linguagem de sinais, para poder comunicar-se com uma menina de nove anos que tem graves deficiências múltiplas. "Ensinar uma criança como Helen tem sido

AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS POSSUEM AS MESMAS NECESSIDADES QUE O RESTO DE NÓS; ELAS QUEREM SER AMADAS E RECONHECIDAS, PARTICIPAR, E TER AS MESMAS ALEGRIAS.



um dos chamados mais desafiantes e compensadores em minha vida", diz ela. "À medida que ensino — de espírito para espírito — olho seu rosto e espero poder estar onde ela está, quando esta vida acabar: com Deus."

Uma líder das Moças numa reunião especial observou entusiasticamente: "Todos os rapazes e moças podem adorar o Senhor *agora* — não esperando o Milênio ou a Ressurreição — mas *agora*, a seu próprio modo.

CONCEITO ERRADO 4:

Não posso ajudar, porque não sei como.

FATO 4:

Se você quiser ajudar, pode fazê-lo!

O fato de acharmos que não podemos ajudar pode acarretar resultados destrutivos. "Não me lembro de o bispo jamais ter perguntado nada a respeito das condições de meu filho e como estou enfrentando esta situação", diz certo pai. "Isso é bastante estranho, porque sou o secretário executivo. Meus mestres familiares também não mencionaram o problema com nosso filho, e o líder do meu grupo dos sumos sacerdotes evita falar comigo sobre o assunto.

Se o bispo, os mestres familiares, e o líder do grupo dos sumos sacerdotes fossem insensíveis e não se preocupassem, eu conseguiria entender. Mas são todos homens bons. Ao pensar na situação, percebo que *são apenas pessoas que não sabem o que fazer.*"

Muitas vezes ensinei a respeito do sacerdote e do levita na parábola do bom samaritano. Quando eles viram o homem ferido à beira da estrada, por que atravessaram para o outro lado? Talvez, antes de serem pessoas boas ou más, eles simplesmente estivessem com medo. Talvez não soubessem o que fazer. Talvez não se preocupassem o suficiente. Eles permitiram que a ignorância, a apatia, ou o medo, sobrepujasse os sentimentos de caridade que deveriam ter prevalecido.

Foi o samaritano, um adversário político, que, "vendo-o, moveu-se de íntima compaixão". Ele fez o que pôde pelo homem e depois buscou o apoio de outras pessoas para lhe ministrarem os cuidados necessários (ver Lucas 10:29-37).

Como o samaritano, podemos ajudar, se quisermos. Tudo o de que realmente precisamos é a consciência do fato e o desejo. Tente pensar em indivíduos com deficiências, exatamente assim — como *indivíduo* que por acaso têm deficiências. Eles possuem as mesmas necessidades que os outros; eles querem ser amados e reconhecidos, participar, e ter as mesmas alegrias que temos.

CONCEITO ERRADO 5:

É difícil envolver pessoas com necessidades especiais, porque não há realmente muitas coisas que elas possam fazer.

FATO 5:

Há tantas maneiras de envolvê-las quantas pessoas com deficiências.

Precisamos lembrar que a Igreja existe para o indivíduo — não o indivíduo para a Igreja. Adaptar os programas da Igreja às necessidades do indivíduo requer sensibilidade e inspiração.

Conheço um bispo que preside a ala de uma cadeira de rodas, uma irmã da Sociedade de Socorro com

deficiência intelectual que serve com grande orgulho no berçário, e uma mulher com deficiência auditiva que dá aulas na Sociedade de Socorro. Um outro rapaz, completamente paralizado com exceção da cabeça e do pescoço, completou uma missão de tempo integral, onde participou da conversão de mais de duzentas pessoas!

Certo sumo conselheiro diz: "Sou cego, e no entanto tenho chamados importantes na ala e na estaca. As pessoas se relacionam comigo como pessoa — a deficiência não atrapalha nada. Não foi sempre assim; foram necessários alguns anos, para que as pessoas aprendessem a entender."

Seja uma pessoa deficiente chamada para servir como presidente de estaca ou como um auxiliar que apaga as luzes depois das reuniões — ela pode sentir a alegria de servir no reino do Senhor.

CONCEITO ERRADO 6:

Solidarizo-me com aqueles que têm necessidades especiais, mas honestamente não tenho tempo para nenhum projeto a mais.

FATO 6:

Ajudar aqueles que têm necessidades especiais geralmente significa novas atitudes, não novos programas, mais cuidado, e não mais tempo.

Há vários anos, nossa família participou de um Acampamento de Escoteiros santos dos últimos dias. Nossos filhos mais velhos participaram das atividades e divertiram-se muito. No entanto, nosso filho autista de nove anos, Brian, estava passando por um momento difícil. As atividades do escotismo não eram destinadas a alguém com dificuldades sociais e de língua. Sentia-me magoada, humilhada, e ofendida à medida que observava a intolerância e a impaciência em relação ao comportamento inadequado de meu filho de aparência normal, mas deficiente. Ele estava tão angustiado quanto seus companheiros.

Assim, na reunião da Sociedade de Socorro feita no acampamento, tomei alguns momentos para explicar a deficiência de Brian e falar sobre alguns desafios que estávamos enfrentando para criá-lo. Depois disso, as irmãs começaram a explicar a situação a suas famílias. Uma hora depois, todo o acampamento estava sabendo de Brian.

Nunca vi uma mudança tão completa de atitude, nem senti uma demonstração assim de amor e aceitação. Isso confirmou o que eu acreditava: a Igreja é feita de pessoas maravilhosas que reagem de maneira cristã, quando entendem a necessidade dos outros. Elas não só respondem às necessidades, mas também se tornam melhores por causa disso.

"Kurt é um escoteiro com síndrome de Down que também tem problemas de coordenação", diz um líder do sacerdócio. "Ele participou com nossa tropa de escoteiros de um passeio a pé, de aproximadamente trinta quilômetros. Depois de dezesseis quilômetros, ele perdeu o ritmo de sua marcha. Mas com seu pai à frente e seu chefe escoteiro atrás, andou passo a passo. Esperamos horas até que ele terminasse.

Quando Kurt e as pessoas que o ajudavam finalmente apareceram, gritos espontâneos de alegria foram ouvidos, e Kurt orgulhosamente correu o trecho final, chorando e dizendo: — Eu consegui, eu consegui! Eles estão me aplaudindo! Eles acham que sou bom! — Todos tinham lágrimas nos olhos. Nunca esqueceremos essa lição."

Jesus disse: "Tendes enfermos entre vós? Trazei-os aqui. Há entre vós coxos, cegos, defeituosos, mutilados, leprosos, surdos ou aflitos por qualquer coisa? Trazei-os aqui... porque tenho compaixão de vós" (3 Néfi 17:7).

O mesmo Salvador misericordioso ainda vive e ama cada um de nós, independente de nossas deficiências ou fraquezas. Que possamos seguir seus passos e seu exemplo. Que nosso desejo de servir seus filhos especiais aumente. Que possamos ter compaixão para vencer nosso próprio medo e amá-los, ensiná-los, e andar ao seu lado no reino do Senhor.

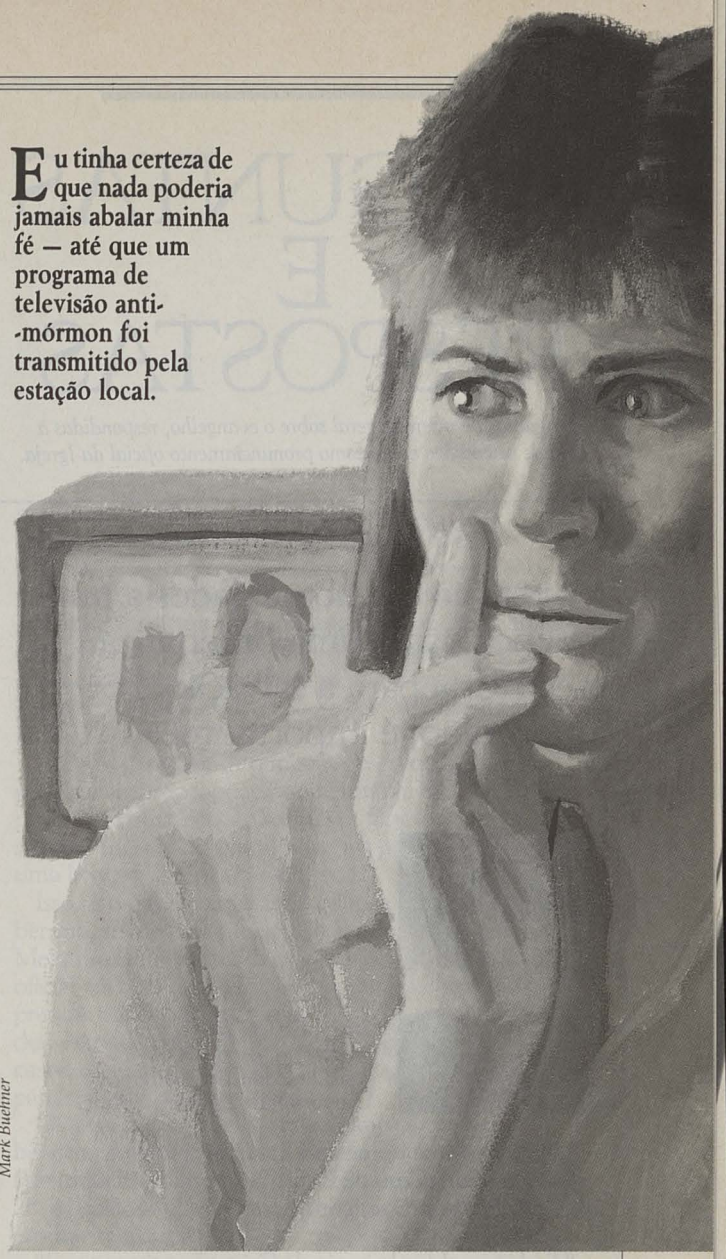
Possamos nós, com uma nova consciência e companheirismo genuíno, convidar as pessoas com necessidades especiais a virem a Cristo. Com grande freqüência descobrimos que *elas nos* estão levando até ele! □

Carmen Pingree, membro da ala Yale Dois, Estaca Salt Lake Bonneville, e ex-integrante da Junta Geral da Primária, é membro do Conselho de Coordenação da Igreja para Membros com Necessidades Especiais. Um artigo anterior sobre Brian Pingree e crianças autistas é "Tão Longe Apesar de Tão Perto", A Liahona, março de 1984.

Julie Hauwiller

"VOCÊ ESTÁ FAZENDO O QUE É CERTO"

Eu tinha certeza de que nada poderia jamais abalar minha fé — até que um programa de televisão anti-mórmon foi transmitido pela estação local.



Mark Buehner

Minha vida nunca foi mais feliz, nunca foi mais satisfatória do que desde a época do meu batismo, depois que terminei o curso secundário. Meu amor à Igreja é profundo e real.

À medida que estudava as escrituras, orava e servia em vários chamados e atividades, meu testemunho tornava-se ainda mais forte. À medida que aprendi a usar o dom do Espírito Santo, fui abençoada com o conhecimento de quão verdadeiro e estimulante é o evangelho. Eu tinha certeza de que nada poderia jamais abalar minha fé — até que um programa de televisão antimórmon foi transmitido pela emissora cristã local. Vi apenas parte dele, mas me senti muito mal, e depois tive raiva e medo. Pensava: "Como alguém pôde dizer coisas assim a nosso respeito? Não acreditamos naquelas mentiras!"

O sentimento estranho e sombrio que me acompanhava enquanto assistia ao programa permaneceu comigo. Um pensamento assustador me veio à mente: e se a igreja *não for* verdadeira? A despeito das bênçãos que a filiação à Igreja trouxera à minha vida, eu estava tentada a começar a duvidar.

Alguns dias depois, meu marido, Paul, sentiu-se inspirado a perguntar-me se gostaria de ir ao templo. Essa não era uma coisa fácil, pois o templo mais próximo de onde morávamos naquela época ficava a uma distância de novecentos quilômetros aproximadamente. Poderíamos simplesmente fazer as malas e ir?

Paul queria que fôssemos de avião, ao invés de perder tempo dirigindo o carro. Tínhamos exatamente o dinheiro contado para a viagem, sobrando apenas alguns dólares.

Pensei no assunto e orei muito. Sim, decidi por fim. Eu precisava dessa viagem.

A paz que senti no templo foi maravilhosa. Mas ainda havia perguntas. O que exatamente eu estava fazendo lá? O que era o templo, afinal de contas? Ou mesmo, o que era a Igreja?

Passei pela primeira sessão, perguntando-me: "Por quê?" Então, na sessão seguinte, consegui relaxar e concentrar-me mais naquilo que estava acontecendo.

Quando eu menos esperava, veio uma resposta. Pude sentir a presença de um espírito cálido e amoroso que parecia dizer: "Você está fazendo o que é certo." Essa certeza calma afastou instantaneamente todas as minhas dúvidas.

Eu fora confundida pela propaganda do adversário, mas sou grata por essa luta. Meu testemunho desta Igreja é mais forte agora do que nunca. □

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.

A bênção e o nome dados a uma criança não é uma ordenança necessária para a salvação. Por que, então, é importante?



Susan Easton Black, professora associada de história e doutrina da Igreja, Universidade Brigham Young.

A bênção e o nome dados a uma criança é um mandamento de Deus. Em abril de 1830, o Senhor disse, por intermédio do Profeta Joseph Smith:

"Todo membro da igreja de Cristo que tiver crianças, deverá trazê-las aos élderes diante da igreja, e estes deverão impor as suas mãos sobre elas em nome de Jesus Cristo, e em seu nome abençoá-las" (D&C 20:70).

Embora não haja muita evidência da bênção e nome para as crianças nos primeiros registros da Igreja, essas bênçãos realmente aconteceram. Oliver Cowdery, que serviu como secretário da conferência de Norton, Condado de Medina, Ohio, realizada em 21 de abril de 1834, registrou: "O Presidente Smith então impôs as mãos sobre algumas crianças, e as abençoou em nome do Senhor" (*History of the Church*, 7 volumes, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1978, 2:54).

Em uma reunião da Igreja, realizada na noite de 13 de março de 1843, o Profeta abençoou um outro grupo de crianças. Naquela ocasião, escreveu ele:

"Vinte e sete crianças foram abençoadas, dezenove das quais eu mesmo abençoei, com grande fervor. Virtude saiu de mim, e minhas forças me abandonaram...

O élder Jedediah M. Grant perguntou-me a razão pela qual eu ficara pálido e perdera a força na noite anterior, ao abençoar as crianças. Disse-lhe que vi que Lúcifer exerceria sua influência para destruir as crianças que eu estava abençoando, e lutei com toda minha fé e espírito, para selar sobre elas uma bênção que asseguraria a sua vida na terra; e tanta virtude saíra de mim para as crianças, que ficara fraco, fato do qual ainda não me recuperara; e referi-me ao caso da mulher que tocou a barra das vestes de Jesus (Lucas, capítulo 8)." (*History of the Church*, 5:303.)

Joseph Smith seguiu o mandamento e exemplos do próprio Senhor. Na verdade, o Salvador abençoou as crianças tanto na antiga Israel como no continente americano, e disse: "Deixai vir os meninos a mim, e não os impeçais: pois dos tais é o reino de Deus...

E tomando-os nos seus braços, e impondo-lhes as mãos, os abençoou." (Marcos 10:14-16.)

O Livro de Mórmon descreve o Redentor abençoando as criancinhas durante seu ministério aos nefitas (ver 3 Néfi 17). Jesus convidou as pessoas a apresentarem suas crianças a ele (versículo 11); depois, ajoelhando-se com a multidão, orou a seu Pai (versículo 15). Após a oração, o Salvador abençoou as crianças, uma a uma (versículo 21). O fogo "(circundou) aqueles pequeninos... e anjos lhes ministraram" (versículo 24).

Jesus abençoou as crianças, embora elas "desde a fundação do mundo estejam redimidas" (D&C 29:46). Seu exemplo ao abençoar as crianças, escreveu o Élder John Taylor, "deve ser estudadamente seguido, sem hesitação ou objeções" pelos portadores do sacerdócio (*Millennial Star*, 15 de abril de 1878, 40:235-236).

Achei interessante o fato de, nas escrituras, um novo nome estar sempre presente quando um convênio é estabelecido. Na ocasião em que Adão e Eva receberam o domínio sobre a terra (ver Gênesis 1:28), a Adão foi dada a responsabilidade de nomear os

animais (ver Gênesis 2:19-20). Da mesma forma, ao receber Eva como esposa, Adão deu-lhe um nome (Gênesis 3:20). O próprio Deus, depois de criar os corpos de nossos primeiros pais, "os abençoou e chamou o seu nome Adão" (Gênesis 5:2).

Posteriormente, quando Jeová fez convênio com Abrão, mudou seu nome para Abraão (ver Gênesis 17:5). O Senhor fez o mesmo com Jacó, quando lhe estendeu o mesmo convênio que havia feito com Abraão (ver Gênesis 35:10).

Seguimos um padrão semelhante, quando fazemos convênio com Cristo nas águas do batismo. Nessa oportunidade, tomamos sobre nós o nome de Cristo, e esse se torna o nome pelo qual somos chamados (ver Mosiah 5:7-12). Os maiores convênios do templo também envolvem o dar e receber nomes.

Em cada um desses casos, aquele que dá o nome assume a responsabilidade de proteger, amar e nutrir o que recebe o novo nome. E aquele que recebe o nome, por sua vez, deve honrar o que dá o nome e seguir seus conselhos.

Nesse contexto, é conveniente que, quando um dos filhos espirituais de nosso Pai Celestial entra na mortalidade, receba um novo nome por intermédio de alguém que tenha autoridade do sacerdócio — o ideal seria que fosse quem ajudou a criar o corpo da criança e aquele a quem Deus confiou seu filho na mortalidade. Na melhor das hipóteses, esse novo relacionamento entre pai (e mãe) e filho deve estender-se por toda a eternidade, como parte de um convênio chamado ordem patriarcal. O Presidente Joseph F. Smith descreveu esse relacionamento com as seguintes palavras:

"A ordem patriarcal é de origem divina e continuará por todo o tempo e eternidade. Há, então, um motivo particular por que os homens, mulheres e crianças devem entender esta ordem e autoridade nos lares do povo de Deus e procurar fazer com que ela seja realmente aquilo que Deus designou que fosse, uma qualificação e preparativo para a mais alta exaltação dos seus filhos. No lar, a autoridade presidente é sempre investida no pai, e em todos os assuntos e problemas que se referem à família e ao lar, não existe nenhuma outra autoridade superior...

Essa autoridade traz consigo uma grande responsabilidade como também possui seus direitos e privilégios, e é imprescindível que os homens sejam exemplares em sua vida e se adaptem cuidadosamente para viver em harmonia com essa importante regra de conduta ordenada por Deus na organização familiar" (*Guia de Estudo Pessoal do Sacerdócio de Melquisedeque*, 1970-1971, pp. 24-25).

O Presidente Smith também observou que "é perfeitamente apropriado" que um pai dê um nome e pronuncie uma bênção sobre seu filho durante a reunião mensal de jejum, pois "faz parte da natureza de uma bênção paterna" (idem, p. 31).

Isso não significa que uma criança fique sem essa bênção, se o pai não for portador do Sacerdócio de Melquisedeque ou se, de alguma forma, não puder oficiar na bênção. O bispo, que tem as chaves da presidência do sacerdócio na ala, tem o direito de designar outro élder para dar a bênção. Em todos os casos, o élder que abençoa a criança, deve preparar-se para ser guiado pelo Espírito.

Os pais podem ajudar uma criança a receber as bênçãos sagradas prometidas a ela e que dependam da fidelidade da criança. Em Doutrina e Convênios 68:25, 28, é dado aos pais o mandamento claro e explícito de ensinar seus filhos:

"E novamente, se em Sião ou em qualquer de suas estacas organizadas, houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo, e do batismo, e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançarem oito anos de idade, sobre a cabeça dos pais seja o pecado.

E eles também ensinarão as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor" (D&C 68:25, 28).

Em síntese, a bênção e o nome para a criança é um mandamento de Deus. É conveniente que o pai digno dê nome a seus filhos e os abençoe. A bênção das crianças foi feita no tempo de Cristo, e ocorreu nos primeiros dias da Igreja restaurada. A ordenança tornou-se uma prática seguida pelos membros da Igreja desde essa época. □

UMA CANÇÃO DO ESPÍRITO

Becky Thomas

Eu caminhava rapidamente para a biblioteca do campus, com muitos pensamentos passando pela mente. O sol brilhava, e as montanhas, majestosas contra o céu azul, pediam que eu parasse e as contemplasse. Mas não havia tempo. Apesar da beleza do dia, eu tinha de estudar. Outros alunos que passaram por mim, desejavam como eu preparar-se para os exames semestrais. Senti, no entanto, que eles não teriam as mesmas dificuldades para estudar que eu. Tentei afastar esses pensamentos negativos, dizendo a mim mesma que, desta vez, seria diferente. Ao entrar na biblioteca da universidade, revi mentalmente os compositores que precisava conhecer para meu teste de ciências humanas.

A música sempre fora parte de minha vida. Eu não apenas amava a música, mas também gostava de escrever letras para melodias simples. Às vezes, as palavras eram sérias, expressando meus sentimentos mais profundos: noutras eram tolas, comumente escritas para entreter as crianças das quais cuidava. Agora, ali estava eu na universidade, estudando ciências humanas e enfrentando problemas. Por mais que tentasse, havia várias semanas que eu não conseguira lembrar-me das informações necessárias para sair-me bem em meu trabalho escolar. Talvez me saísse melhor hoje.

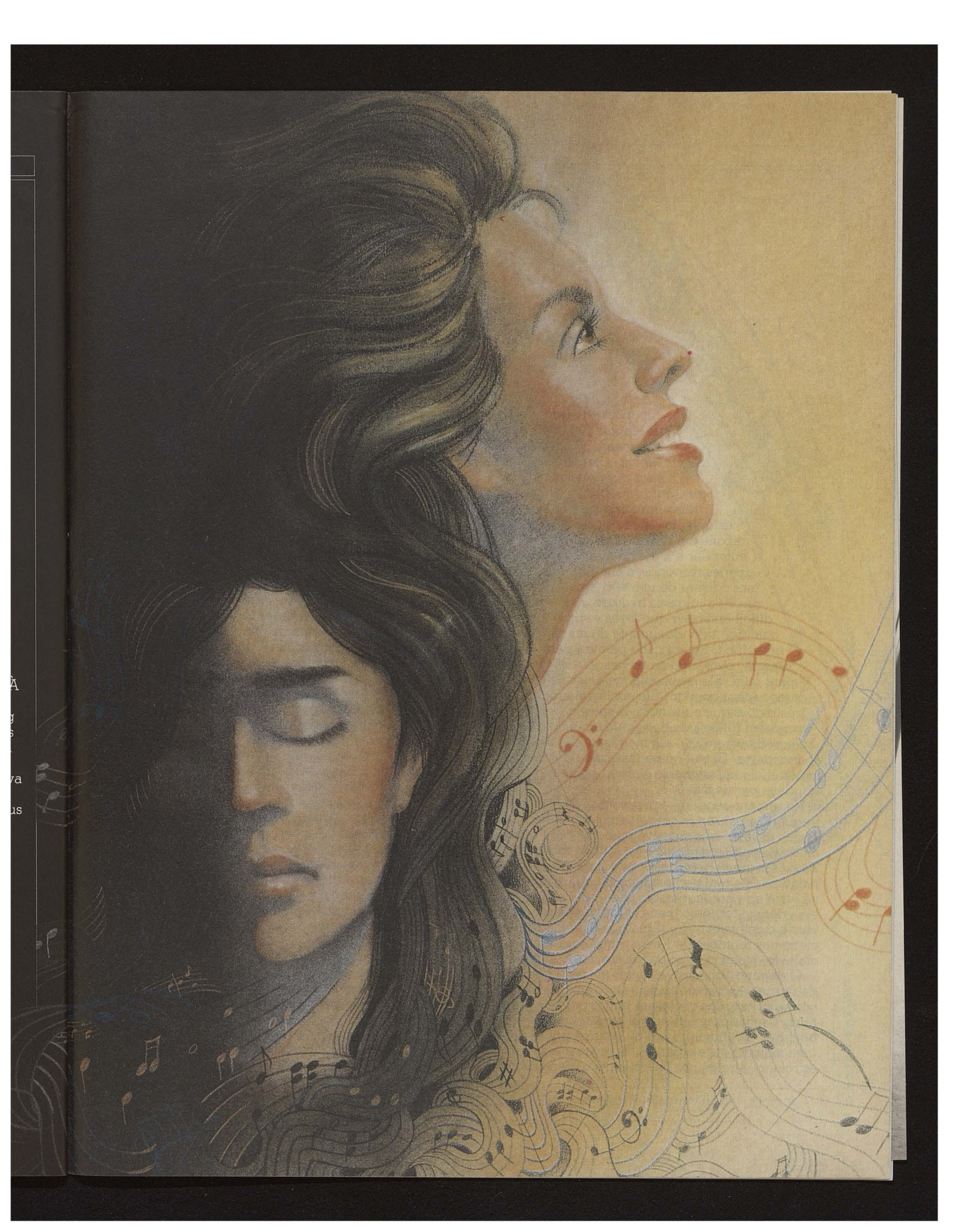
Rapidamente coloquei o casaco em uma cadeira próxima e abri meu livro de ciências humanas. Mozart, Wolfgang Amadeus, nascido em 1756, na Áustria, e falecido em 1791. Compositor de...

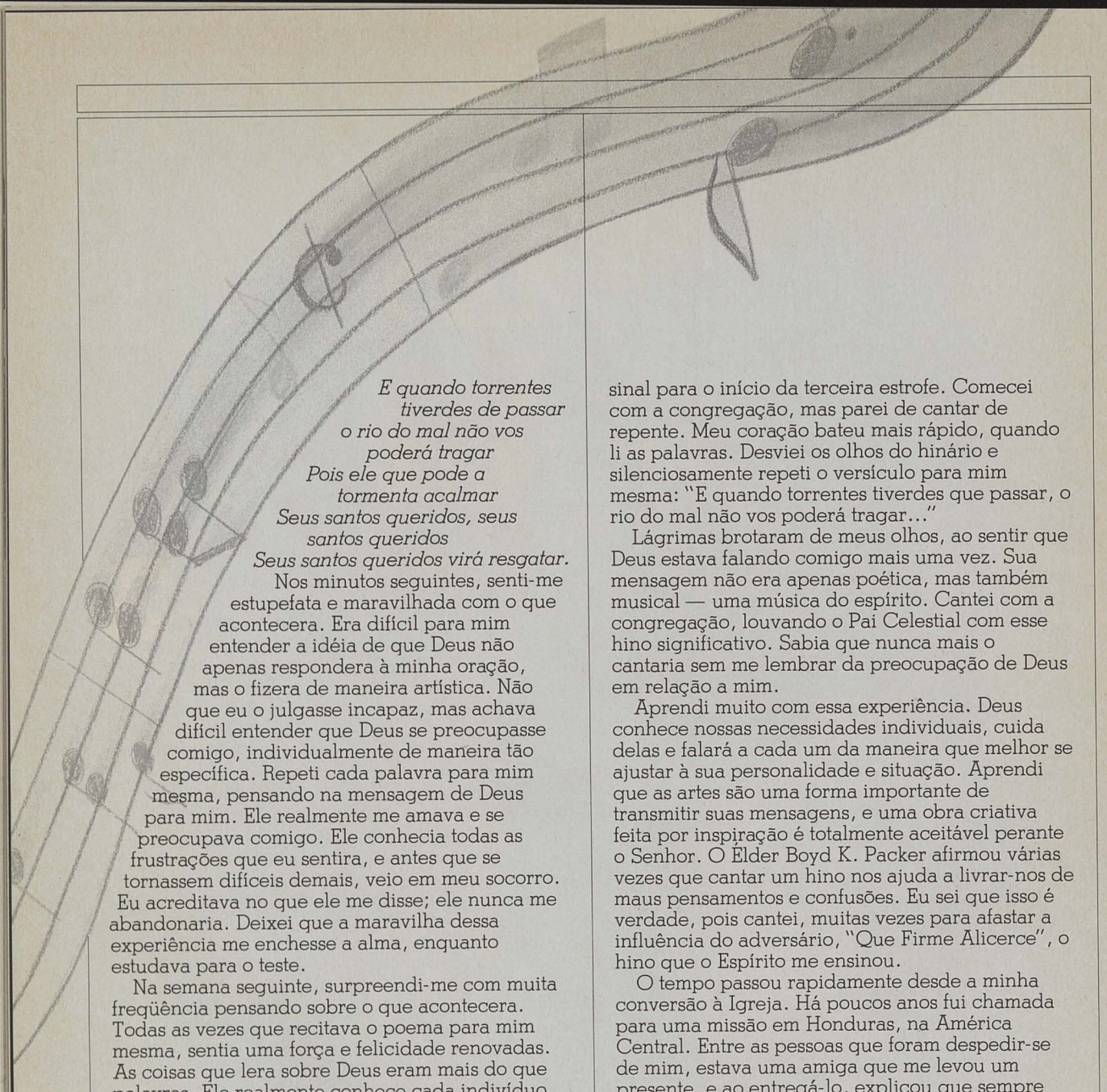
Começou. "Hoje não!" orei em silêncio. "Por favor, hoje não!" Meus pensamentos tornaram-se confusos e obscuros. Durante duas semanas eu vinha lutando contra isso. Todas as vezes que tentava concentrar-me em um assunto importante, isso acontecia. Uma torrente de maus pensamentos, vindos de uma força exterior, tomava conta de minha mente. Como recém-conversa à Igreja, eu estava começando a aprender maneiras de vencer o adversário. Tentara orar, pedindo ajuda ao Senhor. Mas, ainda assim, essa nuvem negra interferia no processo de meus pensamentos, tornando-me impossível estudar ou ler.

"Wolfgang Amadeus Mozart, nascido em 17... 16... Não conseguia lembrar-me. Sentia meu cérebro sendo puxado para direções diferentes. À medida que tentava memorizar, uma grande escuridão distorcia meus pensamentos. Wolfgang ...Mozart, qual era o segundo nome? As palavras dançavam em minha mente, e não tinham nada a ver com o assunto em questão. Tente novamente. Ignore a confusão em sua cabeça. Quem eu estava estudando? Olhei novamente para a página que falava sobre a vida de Mozart. Wolfgang Amadeus Mozart, nascido em 1756... uma torrente de palavras vulgares entrou em minha mente.

A frustração crescia dentro de mim, à medida que essa escuridão se tornava mais forte. Parecia que minha cabeça ia estourar. Meus olhos encheram-se de lágrimas. "Por favor, Pai", supliquei silenciosamente, "por favor, ajuda-me. Não posso suportar isto por muito tempo mais."

Assim que ofereci esta oração, os céus responderam. Em meio à confusão, um belo poema foi sussurrado à minha mente — não apenas sussurrado, mas impresso de tal maneira, que depois de ouvi-lo uma só vez, já o sabia de cor. Cada palavra era clara e cheia de significado. A angústia mental que eu sentira momentos antes, deu lugar a uma mensagem de esperança:





E quando torrentes
tiverdes de passar
o rio do mal não vos
poderá tragar
Pois ele que pode a
tormenta acalmar
Seus santos queridos, seus
santos queridos
Seus santos queridos virá resgatar.

Nos minutos seguintes, senti-me estupefata e maravilhada com o que acontecera. Era difícil para mim entender a idéia de que Deus não apenas respondera à minha oração, mas o fizera de maneira artística. Não que eu o julgasse incapaz, mas achava difícil entender que Deus se preocupasse comigo, individualmente de maneira tão específica. Repeti cada palavra para mim mesma, pensando na mensagem de Deus para mim. Ele realmente me amava e se preocupava comigo. Ele conhecia todas as frustrações que eu sentira, e antes que se tornassem difíceis demais, veio em meu socorro. Eu acreditava no que ele me disse; ele nunca me abandonaria. Deixei que a maravilha dessa experiência me enchesse a alma, enquanto estudava para o teste.

Na semana seguinte, surpreendi-me com muita freqüência pensando sobre o que acontecera. Todas as vezes que recitava o poema para mim mesma, sentia uma força e felicidade renovadas. As coisas que lera sobre Deus eram mais do que palavras. Ele realmente conhece cada indivíduo na terra e se preocupa com cada um de nós. Essa experiência tornou o meu estudo das escrituras vivo e significativo. Eu sabia que ela causaria um efeito nas reuniões da Igreja a que eu assistia. O efeito foi maior do que eu esperava, no entanto.

O domingo chegou, e sentei-me para participar da reunião sacramental de nosso ramo. A reunião começou, e todos cantavam juntos o primeiro hino. Cuidadosamente segui as palavras de um hino que eu jamais ouvira ou cantara antes. Era uma melodia forte e bonita. Ao acabar a segunda estrofe, o regente nos interrompeu e deu-nos o sinal para o início da terceira estrofe. Comecei com a congregação, mas parei de cantar de repente. Meu coração bateu mais rápido, quando li as palavras. Desviei os olhos do hinário e silenciosamente repeti o versículo para mim mesma: "E quando torrentes tiverdes que passar, o rio do mal não vos poderá tragar..."

Lágrimas brotaram de meus olhos, ao sentir que Deus estava falando comigo mais uma vez. Sua mensagem não era apenas poética, mas também musical — uma música do espírito. Cantei com a congregação, louvando o Pai Celestial com esse hino significativo. Sabia que nunca mais o cantaria sem me lembrar da preocupação de Deus em relação a mim.

Aprendi muito com essa experiência. Deus conhece nossas necessidades individuais, cuida delas e falará a cada um da maneira que melhor se ajustar à sua personalidade e situação. Aprendi que as artes são uma forma importante de transmitir suas mensagens, e uma obra criativa feita por inspiração é totalmente aceitável perante o Senhor. O Élder Boyd K. Packer afirmou várias vezes que cantar um hino nos ajuda a livrar-nos de maus pensamentos e confusões. Eu sei que isso é verdade, pois cantei, muitas vezes para afastar a influência do adversário, "Que Firme Alicerce", o hino que o Espírito me ensinou.

O tempo passou rapidamente desde a minha conversão à Igreja. Há poucos anos fui chamada para uma missão em Honduras, na América Central. Entre as pessoas que foram despedir-se de mim, estava uma amiga que me levou um presente, e ao entregá-lo, explicou que sempre fazia um pequeno coração de madeira para os membros da ala que saíam em missão. Nesse coração ela imprimia as palavras do hino "Talvez Não Seja ao Alto Mar". Disse que não sabia o motivo, mas desta vez fora inspirada a escrever um hino diferente. Eu sabia, antes que me desse o presente, o que ela havia escrito. Lágrimas rolaram-me nas faces, ao passar os dedos pelas palavras esculpidas — as palavras do hino que o Senhor já escrevera em meu coração: "E quando torrentes tiverdes que passar, o rio do mal não vos poderá tragar..." □

Élder Robert B. Harbertson do Primeiro Quorum dos Setenta

OS OLHOS DA FÉ

Aprenda a usar a fé do tipo "corra-e--ore" em vez da fé do tipo "pare-e-ore".

Dois rapazes voltavam para casa, no fim do dia. Já escurecia, e eles deviam ter chegado em casa mais cedo. Sabendo que estavam em dificuldade, decidiram poupar um pouco de tempo e tomaram o caminho mais curto, passando por um pasto. Os jovens estavam avisados de que não deveriam entrar no pasto. Na propriedade, havia um cartaz que dizia "proibida a entrada", por causa da presença de um touro grande e feroz. Estava ficando escuro, e já que o touro se achava em uma área do pasto onde não poderia ver os rapazes, eles decidiram tentar o caminho mais curto. Depois que haviam passado por baixo da cerca, e estavam aproximadamente na metade do caminho que atravessava o pasto — em um ponto onde não havia volta — o touro os viu e investiu em sua direção. Os rapazes começaram a correr, mas um deles parou e disse: — Espere, vamos ajoelhar e orar pedindo ajuda. — O outro disse: — Se você quer parar, e ajoelhar-se para orar, faça isso, mas eu vou correr e orar.

Não quero ater-me à fé do tipo "pare-ajoelhe-e--ore"; quero discutir a fé do tipo "corra-e-ore". Sempre acreditei nesse tipo de fé. Em Tiago, lemos: "Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma" (Tiago 2:17).

O Presidente Harold B. Lee disse certa vez: "Se quiserdes a bênção, não ajoelheis e oreis a respeito, simplesmente. Preparai-vos de todas as maneiras concebíveis, para tornar-vos dignos de receber a bênção que buscais."

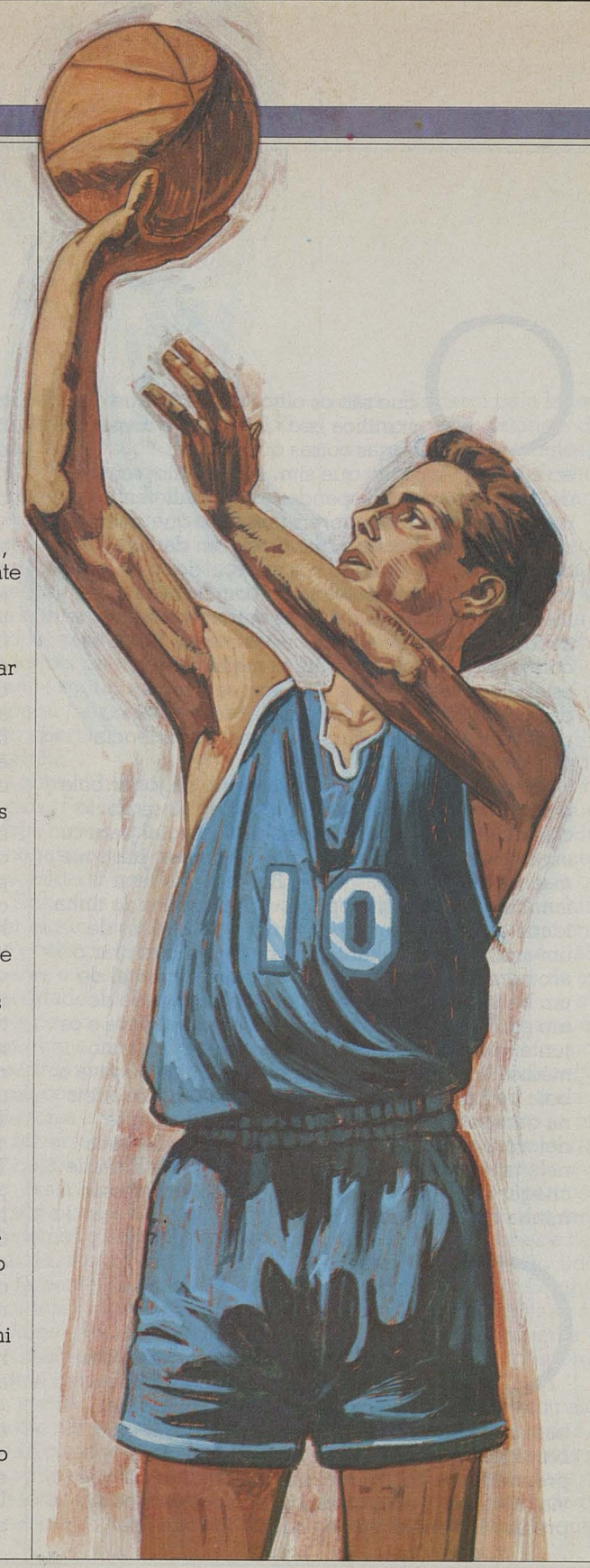
Às vezes tendemos a acreditar que, se tivermos fé suficiente, qualquer coisa pode acontecer sem que façamos realmente um grande esforço, sem que façamos tudo o que é possível, ou sem que "corramos tanto quanto pudermos e oremos durante a corrida". O Senhor espera que, além de exercermos fé façamos tudo o que estiver ao nosso alcance.

Como se desenvolve esse tipo de fé? Em Alma, lemos: "Ora, como disse em relação à fé, que não era um conhecimento perfeito, o mesmo se dá com as minhas palavras. A princípio não podereis ter perfeita certeza delas, assim como a fé não é um conhecimento perfeito. Alma prossegue, dizendo: "Mas, eis que, se despertardes e exercitardes vossas faculdades, pondo à prova minhas palavras..." (Alma 32:26-27).

Muitos podem estar realmente tendo grandes



Paul Mann



Paul Mann

dificuldades na escola, ou em serem moralmente limpos, ou ainda para saberem verdadeiramente o que fazer. Muitos podem imaginar se o evangelho é realmente verdadeiro. Há tantos desafios que podem começar a ser questionados em sua própria fé. Suplico-vos como Alma fez com aquelas pessoas, que simplesmente "(ponhais) à prova minhas palavras, e (exerçais) um pouco de fé, sim, ainda mesmo que não (tenhais) mais que o desejo de acreditar". Se isso é tudo o que puderdes fazer, então começai por aí, apenas tende o desejo de acreditar. "Fazei com que esse desejo opere em vós, até acreditardes de tal forma, que possais dar lugar para uma porção de minhas palavras" (Alma 32:27).

Em Éter 12:5, Morôni ensina: "E aconteceu que Éter profetizou ao povo grandes e maravilhosas coisas, nas quais, entretanto, o povo não acreditou, porquanto não as via." Eles não queriam acreditar nas palavras dele, porque não viam as coisas que ele estava profetizando. Nos versículos 18 e 19, Morôni afirma: "Nem houve tempo algum em que alguém fizesse milagres antes de ter fé; portanto, primeiro creram no Filho de Deus. E houve muitos cuja fé foi extraordinariamente grande, antes mesmo de Cristo ter vindo, os quais não puderam ser impedidos de penetrar o véu e realmente viram por seus próprios olhos o que antes haviam visto pelos olhos da fé, e se regozijaram."

Quando o sinal parou de soar, eu pensei: "Eu já fiz isso antes." E lembrando, eu me vi no quintal, onde eu fizera isso centenas de vezes.

O que são os olhos da fé? O que significa isso? Vocês realmente conseguem ver as coisas que podem acontecer? Acredito que sim.

O que são os olhos da fé? O que significa isso? Realmente conseguis ver as coisas que podem acontecer? Acredito que sim. No entanto, tendes de ter o desejo de despender tempo suficiente para pensar no que quereis fazer, no que quereis ser, como reagireis e o que direis em dadas circunstâncias. Quando vos esforçardes o suficiente e fixardes essa idéia com firmeza na mente, com os olhos da fé, as coisas começarão a acontecer. Tomareis as decisões certas, fareis as coisas certas, e alcançareis as metas que estabelecestes para vós mesmos, se tiverdes o desejo de fazer o esforço e de ter fé. Talvez eu possa dar-vos um exemplo de uma experiência que ocorreu em minha vida.

Quando era jovem, gostava muito de jogar bola de qualquer tipo. Com o tempo, tornou-se óbvio que o Senhor me dera um talento especial para os esportes, e de todos os de que participei; senti-me mais atraído pelo basquete. Eu vinha de uma família relativamente pobre, e assim, quando tinha idade suficiente para jogar uma bola através de um aro, meus familiares não puderam comprar o aro nem a bola. Achei um velho aro de metal de um barril de madeira e preguei-o na parede de um edifício. Depois, consegui alguns retalhos e os juntei para fazer uma bola de pano de tamanho médio. Todas as noites, depois das aulas, jogava a bola de pano no aro. Muitas vezes, tinha de subir na garagem para apertar o aro, porque ele se deformava por causa da bola de pano que batia nele tantas vezes. Eu mal podia esperar a hora de chegar em casa, à noite, para poder arremessar minha bola de pano no aro.

Quando tinha treze anos, certo dia, meu pai me perguntou: "Bobby, você gostaria de ter um aro de basquete de verdade?" Ele fizera um com uma barra de ferro, preparara uma tabela e nela prendera o arco. Eu mal podia acreditar no que via! Meu pai e eu montamos tudo nos fundos do prédio. Ele então me deu a primeira bola de basquete, feita de borracha. Como fiquei emocionado! Noite após noite, logo que chegava da escola, eu treinava.

Em minha mente, sempre me imaginava como um dos grandes jogadores da temporada. Sempre fingia estar nas finais do campeonato nacional de basquete, a apenas alguns segundos do final da partida. Eu com a bola, e o jogo empatado. Eu corria pela quadra de basquete, jogava a bola de longe e, quando ela passava pelo aro, considerava-me um herói. Ganhei mais títulos nacionais do que vocês jamais poderiam imaginar. Eu podia ver tudo com os olhos da mente. Pensava muito a respeito disso. Sabia que podia fazê-lo. Treinava continuamente. Também sonhava em jogar um dia no Madison Square Garden, o famoso ginásio de esportes. Era o ginásio de basquete mais famoso do mundo naquela época. Não havia outro lugar como aquele.

Quando me formei na escola secundária, aceitei uma bolsa de estudos de basquete na Universidade Estadual de Utah, em Logan.

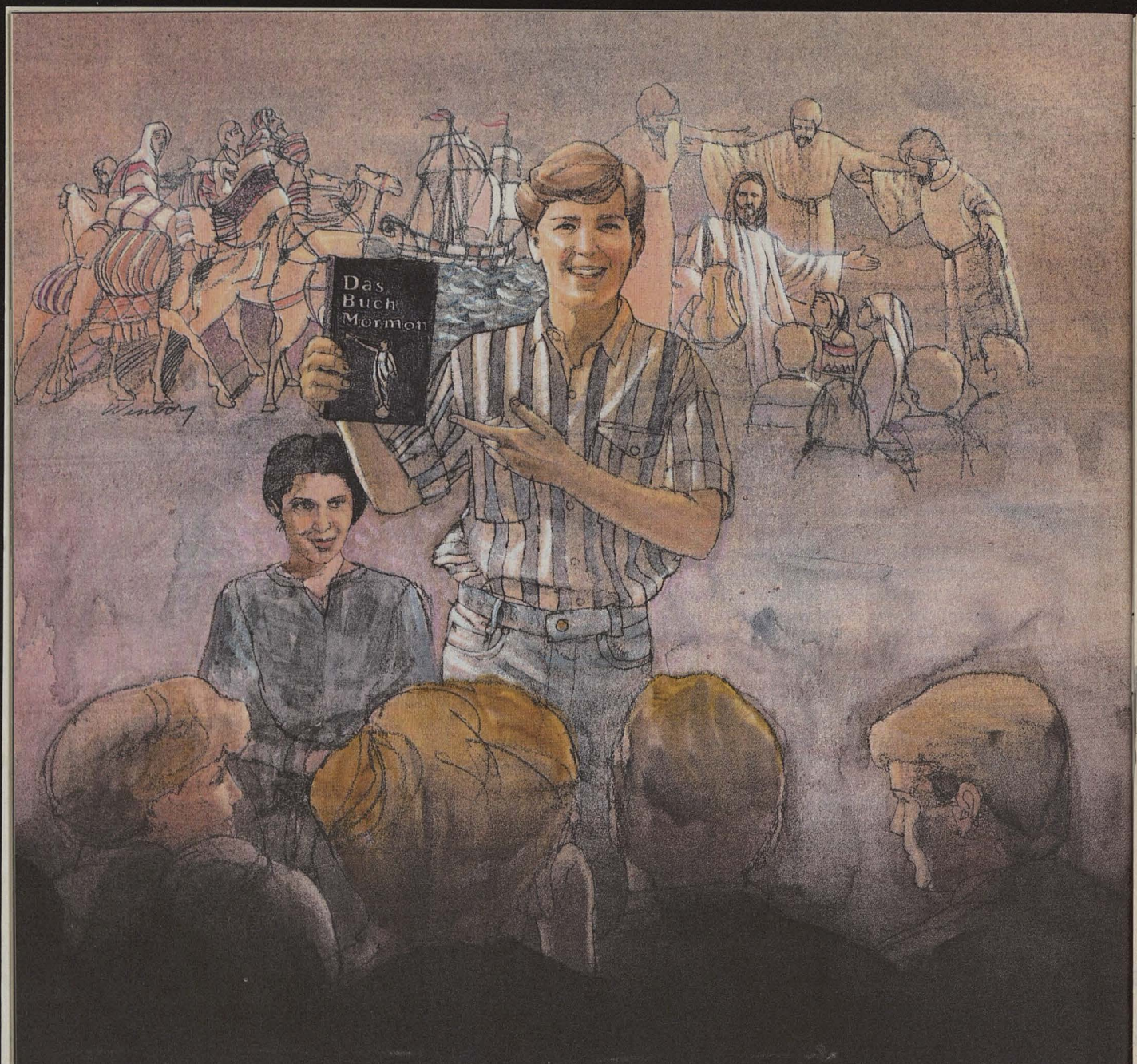
Durante o primeiro ano, fomos convidados para ir ao Madison Square Garden, a fim de participar do primeiro torneio de férias lá realizado. Meu sonho tornara-se realidade! Eu o virai Eu me esforçara muito para isso. Além da equipe da Universidade de Utah e outras equipes dos Estados Unidos, as duas principais equipes do país haviam sido convidadas para o torneio. Nossa equipe jogou com a classificada em segundo lugar na primeira noite, e a partida estava realmente equilibrada, mas, nos últimos segundos, vencemos. Eu fui o "cestinha" da partida e joguei uma de minhas melhores partidas. Na noite seguinte, a Universidade de Utah jogou outra grande partida, e novamente foi um jogo apertado. Vencemos, e novamente eu fui o "cestinha".

Nossa equipe estava agora nas finais, contra a equipe número um do país. Foi uma partida difícil e equilibrada. A diferença nunca chegou a mais de quatro pontos. Ao chegarmos aos dois minutos finais da partida, a Universidade de Utah estava quatro pontos à frente. Tínhamos a posse da bola e havíamos planejado usar algum tempo, mas nossos adversários obtiveram a posse da bola e um dos jogadores roubou um passe e desceu a quadra e marcou. Agora a Universidade de Utah tinha uma vantagem de apenas dois pontos, com aproximadamente um minuto e meio para o final do jogo. Descemos à quadra novamente e ficamos segurando a bola, até que conseguimos um lance livre. Um de nossos jogadores arremessou e perdeu o lance. Nossos adversários estavam novamente de posse da bola e marcaram. Agora o placar estava empatado, restando um minuto ou menos de jogo. Ganhamos a posse da bola, descemos à quadra, perdemos o nosso arremesso, e não conseguimos o rebote. Agora eles estavam com a bola, e aproximadamente 35 segundos do final. Nós não ousávamos fazer faltas. Que situação terrível! Em momentos como esse, a gente se pergunta por que teve a idéia de dedicar-se ao esporte. Eles armaram uma jogada até que só restavam dez segundos, e então o jogador que estivera marcando pontos a noite toda, foi até a cesta e arremessou. Ainda consigo ver a bola enquanto ela rolava em volta do aro, mas finalmente ela caiu para fora. Um de nossos jogadores conseguiu o rebote e jogou a bola para mim. Eu desci pela lateral da quadra e arremessei a bola a uma distância de aproximadamente nove metros. Marquei pontos! O sinal para o fim do jogo soou, e nós tínhamos vencido o torneio nacional de férias. Quando o sinal parou de soar, pensei comigo mesmo: "Eu já fiz isso antes." E havia feito mesmo. E, com os olhos de minha mente, vi-me no quintal, onde eu fizera isso centenas e centenas de vezes. Havia treinado muito. Esforçara-me para isso. Por causa de minha fé e meu trabalho, o Senhor me abençoou.

Sejam talentos que desejais desenvolver, ou os padrões do evangelho que quereis viver, creio que tendes de desenvolver esse tipo de fé para serdes bem sucedidos. É algo mais do que apenas dizer que tendes fé. É preciso esforço para conseguir o que quereis. Tendes de viver para o que desejais. Tendes de fazer tudo o que podeis, como o menininho, quando o touro o perseguia. Ele correu tão rapidamente quanto lhe foi possível. Tendes de ser dignos do que desejais e então desenvolver os olhos da fé. A idéia deve estar plantada firme na mente. Precisais saber o que quereis fazer e como fazê-lo.

O que desejais alcançar? Que tipo de pessoa quereis ser? Desejais ser moralmente limpos? Quereis ser virtuosos e felizes? Quereis manter-vos afastados de drogas, cigarros, álcool, pornografia, e de toda a corrupção que prevalece no mundo hoje? Se desenvolverdes os olhos da fé, quando vos defrontardes com tentações e experiências negativas, efetuareis as escolhas certas, porque vossas decisões terão sido tomadas antecipadamente. Lembrai-vos, o momento de tomar uma decisão não é no meio da batalha, mas muito antes de enfrentar o inimigo. Também tereis o desejo de fazer o esforço necessário para realizar vossos objetivos.

As decisões que tomais agora, terão um grande efeito sobre a vida toda. A verdadeira felicidade e paz interior são geradas pela escolha do que é certo. Que vossos olhos da fé possam ser desenvolvidos de modo que possais fortalecê-los e orientá-los em tudo o que fizerdes. □



Steve Bunderson

SEÇÃO INFANTIL

DOUTRINA E CONVÊNIOS 88:119

Organizai-vos; e estabelecei uma casa de oração, uma casa de ensino, uma casa de glória, uma casa de Deus.



Steve Bunderson

JOSEPH E OLIVER

Joseph Smith e Oliver Cowdery estavam traduzindo o Livro de Mórmon, quando leram a respeito do batismo. Eles queriam saber mais sobre o batismo e, assim, decidiram perguntar ao Pai Celestial. Tinham fé em que Deus os ajudaria a conhecer a verdade. No dia 15 de maio de 1829, eles foram ao bosque e oraram.

Um visitante celestial visitou Joseph e Oliver. Era João Batista, que batizara Jesus havia muito tempo.

João Batista visitou Joseph e Oliver para lhes dar o sacerdócio. *O sacerdócio é o poder de Deus*. João Batista deu a Joseph e Oliver o Sacerdócio Aarônico. Os sacerdotes no Sacerdócio Aarônico têm poder para batizar as pessoas.

João Batista disse a Joseph e Oliver que batizassem um ao outro. Eles entraram na água quando foram batizados. Esse é o chamado batismo por imersão, e é a maneira correta de ser batizado.

João Batista batizara Jesus havia muito tempo da mesma forma. Jesus entrou na água, quando foi batizado.

Depois que foram batizados, Joseph e Oliver ficaram cheios do Espírito Santo. Eles sabiam que a verdadeira igreja de Jesus Cristo em breve



JOÃO BATISTA RESTAURA O SACERDÓCIO AARÔNICO.

Avard Fairbanks







RECEBEM O SACERDÓCIO



PEDRO, TIAGO E JOÃO RESTAURAM O SACERDÓCIO DE MELQUISEDEQUE.

Kenneth Riley

voltaria à terra novamente.

Alguns dias depois, Pedro, Tiago e João visitaram Joseph e Oliver. Pedro, Tiago e João viveram com Jesus há muito tempo. Eles foram seus apóstolos e deram a Joseph Smith e Oliver Cowdery o Sacerdócio de Melquisedeque.

O sacerdócio de Deus estava novamente na terra. Agora os homens justos poderiam ter o poder do sacerdócio. Os homens que possuem o Sacerdócio de Melquisedeque podem ser líderes na Igreja. Eles podem abençoar as pessoas. Eles podem conceder às pessoas o dom do Espírito Santo. Eles podem curar os doentes. Todas essas coisas ajudam os santos a se prepararem para ver Deus.

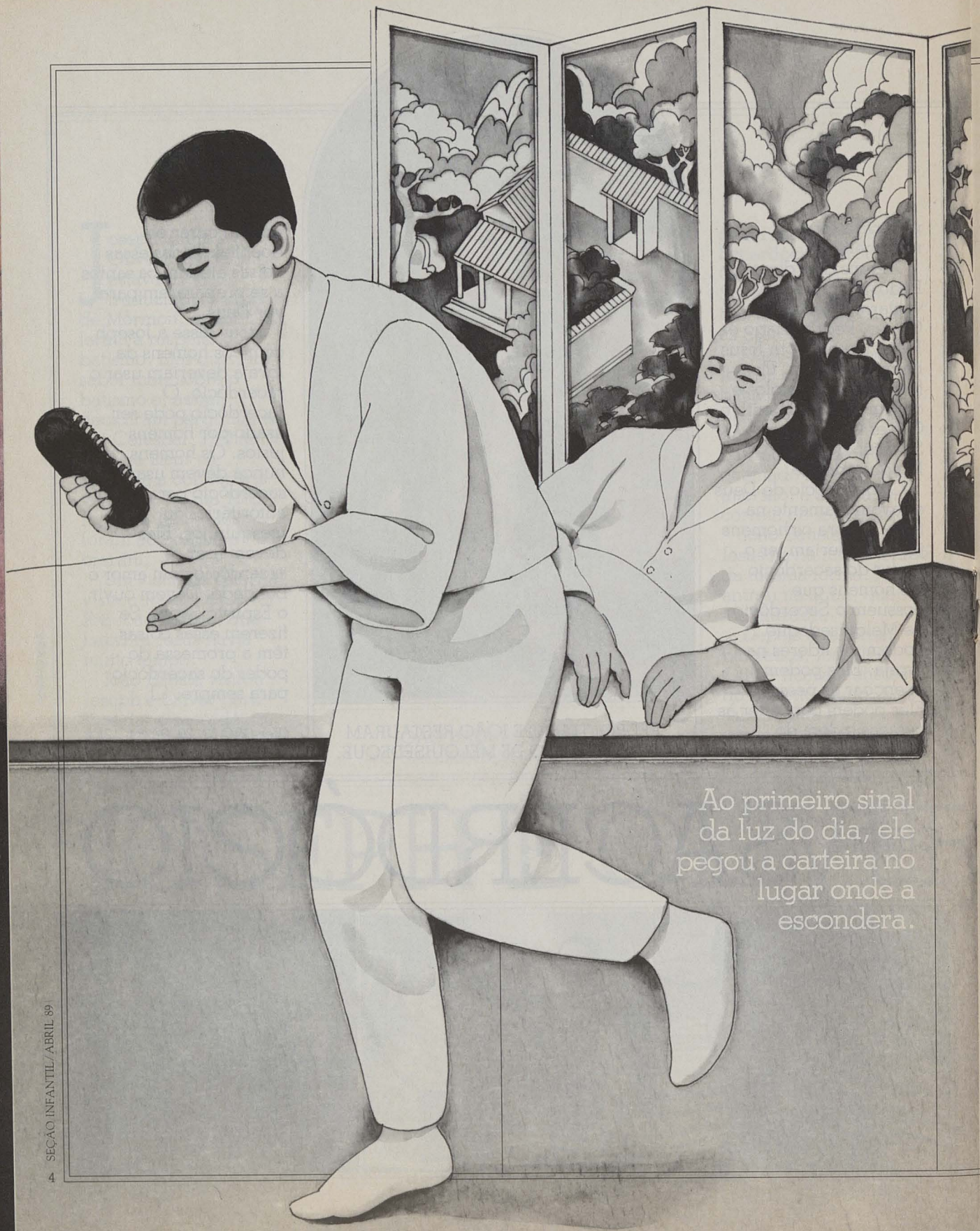
Jesus disse a Joseph como os homens da Igreja deveriam usar o sacerdócio. O sacerdócio pode ser usado por homens justos. Os homens nunca devem usar o sacerdócio para serem autoritários ou mesquinhos. Eles devem usar o sacerdócio com amor e bondade. Devem ouvir o Espírito Santo. Se fizerem essas coisas, têm a promessa do poder do sacerdócio para sempre. □

(Ver D&C 13, 20, 27, 84, 121.)









Ao primeiro sinal da luz do dia, ele pegou a carteira no lugar onde a escondera.

Jerry Harston



HWANGAP PARA VOVÔ

Bernadine Beatie

Chol-soo estava deitado quieto e calmo, com os olhos fixos na escuridão. Finalmente, ouviu o som fraco do ronco que vinha do quarto ao lado. Kang, yu, seu avô, estava dormindo. Chol-soo levantou-se e pegou uma carteira debaixo do colchão. Escondera-a, quando ele e o velho Kang voltavam de Seul naquela tarde. A carteira era feita de um bom couro e estava cheia de dinheiro. Os olhos de Chol-soo brilharam, pois seu sonho havia-se tornado realidade! Êle podia comprar um *hwangap* para Kang, yu!

Hwangap é um velho costume na Coréia para celebrar os sessenta anos de uma pessoa. Kang, yu iria atingir essa idade honorável em três dias.

Chol-soo pegou as notas da carteira e contou-as. Havia dinheiro suficiente para comprar roupa nova e boa comida. Todos na vila compareceriam, e depois da festa, Kang, yu e os homens mais velhos iriam apresentar as nobres danças populares coreanas antigas.

Chol-soo franziu as sobrancelhas. *O que eu vou dizer, quando o velho Kang me perguntar onde consegui o dinheiro?* imaginou ele.

Achei-o no mercado em Seul, seria sua resposta, decidiu Chol-soo. Seu coração ficou estranhamente pesado, pois Chol-soo sabia que a carteira pertencia a Kim, min-soo, o gordo e alegre proprietário de uma loja, que freqüentemente visitava seu avô e fazia barganhas com seus lindos entalhes em madeira. Hoje Kim, min-soo deixara sua carteira no colchão onde tinha sentado. Chol-soo pegou-a, pensando em correr atrás dele e devolvê-la, mas, ao invés disso, em um rápido impulso, Chol-soo colocou a carteira no bolso.

Agora, olhando fixamente para a carteira em suas mãos, a boca de Chol-soo ficou dura. "Não é para mim!" murmurou ele, tentando convencer a si mesmo. "Vovô merece um hwangap, e vai ter."

Empurrando a carteira para baixo do colchão, Chol-soo deitou-se, mas o sono não vinha. Muitos pensamentos sobre seu avô vieram-lhe à mente.

Chol-soo era órfão. Seu avô muitas vezes lhe contava a respeito do dia em que encontrara Chol-soo na rua. A mulher que cuidava de Chol-soo não podia mais sustentá-lo. "Você sorriu, estendeu-me os braços e veio até a mim cambaleando. Foi nesse dia que eu achei um neto. Foi o dia de mais sorte em minha vida!" Kang sempre terminava a história assim.

Sorte minha, também, pensava Chol-soo. O velho Kang era um bom artesão e sempre conseguia ganhar o suficiente para a comida, roupas quentes, e o aluguel de sua pequena casa. Kang, no entanto, nunca estava ocupado demais para consertar um brinquedo, e a gente podia sempre contar com ele para ajudar os moradores da vila em horas difíceis. Na realidade, Kang dava tanto de si mesmo, que muitas vezes trabalhava até bem tarde da noite para completar seus entalhes.

Chol-soo continuou a pensar que, mais do que tudo no mundo, ele queria honrar seu avô. De repente, sentou-se rapidamente na cama, com o rosto queimando. Pagar um hwangap com dinheiro roubado não iria honrar o velho avô. Isso só traria vergonha.

Sua mente corria. O que ele poderia fazer? Ao fazer essa pergunta, Cholsoo já sabia a resposta. *A carteira tinha de ser devolvida!*

Chol-soo ficou acordado durante as longas horas da noite. Ao primeiro sinal da luz do dia, ele pegou a carteira no lugar onde a escondera. Na ponta dos pés, passou pelo quarto de Kang, yu e estava quase na porta, quando o velho falou.

— Aonde você vai tão cedo, meu neto?

— Eu — eu — começou Chol-soo. Então, embora tentasse segurar as palavras, a história toda saiu de uma vez. — Ao invés de um hwangap, eu trouxe desonra para o senhor. Não sou mais digno de ser seu neto.

O velho Kang sorriu amavelmente. — Você será sempre o meu neto amado. Venha, eu vou com você devolver a carteira.

— Obrigado — sussurrou Chol-soo, engolindo o nó que tinha na garganta.

— Pare de se preocupar. Meu hwangap é saber que meu neto tem o desejo de assumir a responsabilidade de uma ação errada. — Seus olhos pretos piscaram. — Estou sentindo que não haverá mais ações desse tipo.

— Posso prometer isso, vovô! — declarou Chol-soo, com ardor. De repente, ele estava sorrindo, e o peso em seu coração havia desaparecido. □

Jerry Harston

DE UM AMIGO PARA OUTRO













De uma entrevista pessoal com

MICHAELENE GRASSLI

Presidente Geral da Primária

por Sandra Stallings

O pai da irmã Michaelene Grassli estava na escola de medicina, quando ela nasceu. Sua família mudou-se várias vezes antes de fixar-se em Blackfoot, Idaho, quando ela estava com nove anos.

"Ser a mais velha de seis filhos — tenho uma irmã e quatro irmãos — foi uma vantagem", disse a irmã Grassli. "Eu tinha muita responsabilidade. Isso me fez sentir-me adulta, e aprendi muito.

Eu dividia o quarto com minha irmã. Gostávamos de estar juntas, mas, quando éramos bem jovens, discutíamos a respeito de quem estava ocupando mais do que a sua parte na cama. Certo dia, decidimos resolver o problema. Pegamos uma caneta e desenhamos uma linha bem no meio do lençol. Minha mãe não gostou daquela solução e explicou que não deveríamos fazer marcas nos lençóis novamente. Quando crescemos mais, nossos pais nos disseram que cada uma podia ter o seu próprio quarto. Dianne mudou suas coisas para um outro quarto, mas durou apenas uma noite. Nós realmente preferíamos estar juntas, e, assim, no dia seguinte ela voltou para o nosso quarto.

Meu pai vinha à noite, antes que dormíssemos, e nos contava histórias", disse a irmã Grassli. "Uma de minhas horas preferidas era sentar no colo de meu pai. Sempre me senti segura enquanto crescia, porque sabia que meus pais me amavam. Sabia que eles eram justos e que, não importava o que acontecesse, eles sempre me deixariam explicar. Quando eu fazia alguma coisa errada, sentia que a disciplina deles era justa. Minha mãe me disse que sempre me contaria a verdade, e eu confiava nela."

Uma coisa que a irmã Grassli gostava de fazer, quando menina, era ler. "Eu gostava muito de ler na cama, à noite, ou no quintal, em um cobertor."

Quando criança, a irmã Grassli tinha talento para o desenho. Na escola, suas amigas muitas vezes, lhe pediam que desenhasse bonecas de papel para elas. Ela desenhava as bonecas e várias roupas para elas. "Uma de minhas avós pintava aquarelas", disse a irmã Grassli, "e ela deu-me meu primeiro estojo de desenho e pintura. Ela me ensinou como pintar rosas silvestres. Mais tarde, ela também ensinou minha filha a pintá-las."

A irmã Grassli lembra-se de sua infância e a considera feliz. "Eu gostava muito de aprender e de fazer muitas coisas. Percebi então que o Pai Celestial quer que aprendamos todo o tipo de coisas. É importante aprender sobre as escrituras, mas o Pai Celestial também quer que aprendamos sobre tudo o que é bom. Isso era estimulante para mim. Eu sabia que o Pai Celestial se preocupa com toda a nossa personalidade, não apenas com uma parte."

Quando a irmã Grassli tinha mais ou menos oito anos, foi designada para fazer um discurso na Escola Dominical. Ela treinou muito seu discurso sobre a vida pré-mortal. "Falei sobre como Jesus Cristo e Satanás apresentaram seus planos e sobre como o plano de Cristo foi escolhido. Satanás ficou irado e disse: "Vou pegá-los!" Na ocasião, eu pensei: *Bem, ele não vai me pegar!* Até agora, lembro-me daquela decisão. O sentimento de determinação dos meus oito anos permaneceu forte em mim.

Essa é uma decisão importante para os adultos e também para as crianças", disse a irmã Grassli. "E os discursos, e todas as outras coisas que nos pedem que façamos na Igreja, nos ajudam a crescer e adquirir testemunho mais forte.

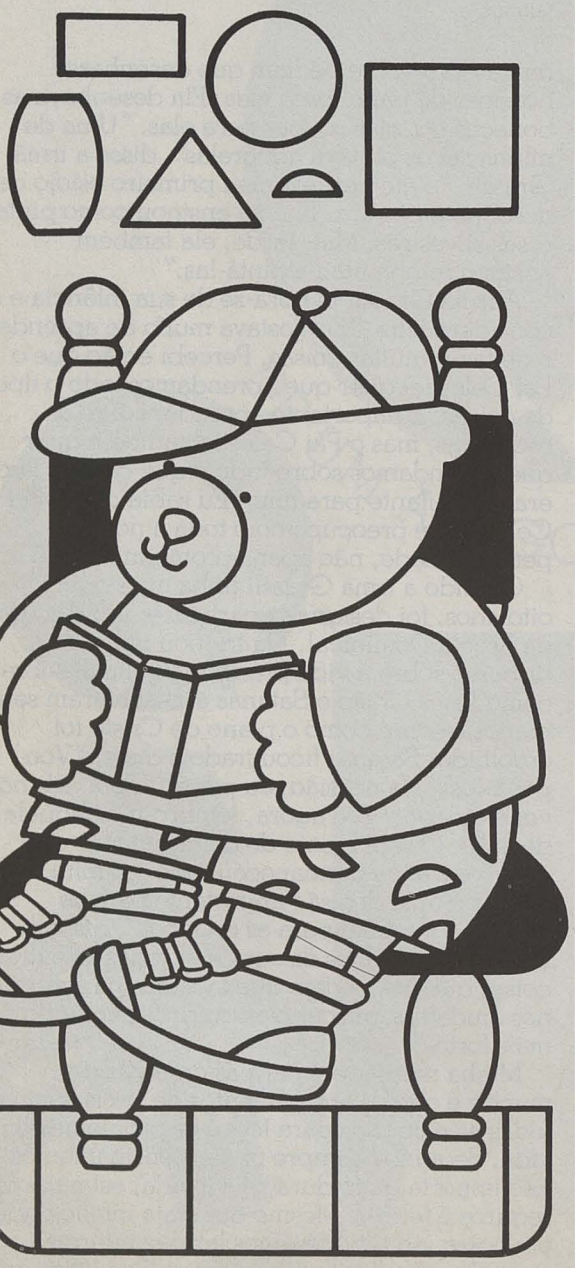
Minha mensagem para as crianças do mundo é que os ensinamentos de Jesus têm todas as respostas para todos os problemas da vida. Seguindo sempre os seus ensinamentos, não importa quão dura seja a vida, estaremos seguros e felizes. Mesmo que haja infelicidade em nossa vida, poderemos ter paz interior, vivendo o evangelho." □

Roberta Fairall

SÓ PARA DIVERTIR

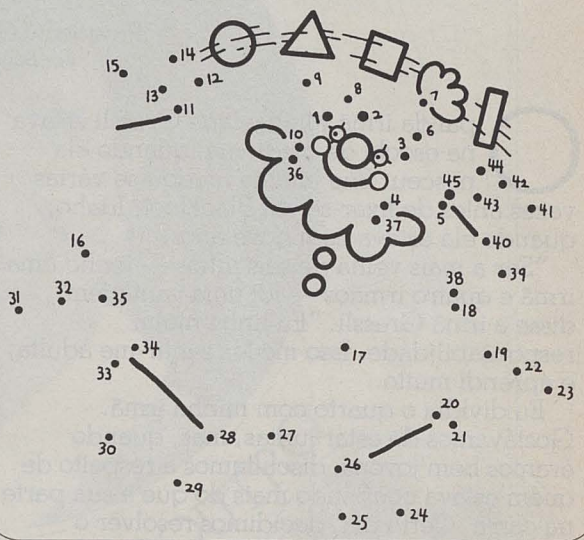
FORMAS DIFERENTES

Associe cada forma com a sua correspondente na figura.



LIGUE OS PONTOS

Ligue os pontos e veja quem mantém os objetos no ar.



TRIÂNGULO NO LABIRINTO

Ajude o homem-triângulo a encontrar o seu caminho.

Agora você pode colorir a página toda!



Lily Toy Hong

Larry Winborg

O RELATÓRIO SOBRE O LIVRO

Robert Avery Grey Jr "No início deste ano letivo, quero que cada um de vocês fale sobre o livro que mais o impressionou na vida", disse nossa professora de literatura, a sra. Protschka.

Fiquei pensando qual o livro que deveria apresentar. Minha mãe e eu estávamos vivendo em Bonn, Alemanha Ocidental, e eu estava começando o primeiro colegial. Pensei que talvez pudesse discutir *Ben-Hur*, de Lew Wallace. Mas seria esse realmente o livro que mais me impressionara na vida?

Não. Eu sabia que era o livro que alguns anos atrás, me havia sido dado pelos dois jovens missionários que nos haviam batizado — o Livro de Mórmon.

Mas eu era o único santo dos últimos dias na escola; ousaria eu apresentar essa nova escritura em minha classe?

Lembrei-me de como lera esse livro, orara sobre ele, e recebera uma confirmação de que era escritura sagrada.

Quando falei a minha mãe sobre a idéia, ela me incentivou a fazer o que eu sentisse ser correto. O trabalho árduo começou. Decidi começar explicando o Livro de Mórmon como uma história, iniciando com a partida de Néfi e sua família de Jerusalém. Depois de muita oração e de muito pensar, as palavras corretas começaram a fluir à minha mente. Deus estava respondendo!

Enquanto esperava minha vez, notei que muitos dos outros alunos apresentaram livros que, de alguma forma, tratavam de Satanás e do lado das trevas. Agora, mais do que nunca, eu queria ser o advogado do Senhor para essas pessoas.

Por fim, chegou a minha vez. Geralmente os alunos escreviam o título de seu livro no quadro-negro, no início de sua apresentação, mas eu pedi permissão à professora para deixar isso para o fim. Disse-lhe que queria fazer uma surpresa.

Minha mãe contou-me depois como havia passado quase a manhã toda de minha apresentação orando, para que meu relato transcorresse bem e para que a classe fosse receptiva. E realmente as orações ajudaram. A princípio, quando comecei a explicar a visão de Léhi e sua viagem pelo deserto, alguns alunos quiseram ridicularizá-la. "É a Bíblia, É a Bíblia!" Mas, de repente, a classe ficou quieta, e eu relatei a história do Livro de Mórmon tranqüila e calmamente, prestanto testemunho de sua veracidade. O Espírito do Senhor era tão forte, que parecia quase tangível.

Depois de vinte minutos, terminei, deixando minha professora e a classe mudos. Então a sra. Protschka perguntou o que eles achavam. Eles todos começaram a falar muito bem de mim e expressaram admiração pela minha coragem de apresentar um livro religioso na escola.

Pediram-me que falasse mais sobre a Igreja e sobre como minha mãe e eu havíamos sido convertidos. Depois da aula, alguns dos alunos até me pediram um exemplar do Livro de Mórmon.

Desde aquele dia, fiz amizade com pessoas que ainda considero amigos muito íntimos, que posteriormente me defenderam na frente dos outros. Eles até me escreveram para me apoiar, anos depois, quando cumpri missão na Espanha.

As semanas passaram, e na aula de História, com a mesma professora, começamos a estudar as civilizações antigas da América.

Certa noite, enquanto fazia minha tarefa de casa, senti o forte desejo de falar em classe novamente a respeito do Livro de Mórmon. Ajoelhei-me em oração e pedi ao Pai Celestial que me oferecesse a oportunidade de fazer isso. Depois de orar, senti que devia preparar novamente uma exposição sobre o Livro de Mórmon.

No dia seguinte, quando a sra. Protschka começou a aula, levantei a mão. Mas antes, que eu pudesse dizer alguma coisa, ela olhou para mim e disse: "Sim, Robert. Na noite passada, enquanto preparava a aula para hoje, de repente pensei em você, e fiquei imaginando se você teria alguma coisa mais para nos dizer sobre o Livro de Mórmon."

Desta vez, concentrei-me especialmente na visita de Cristo aos povos da antiga América. Fiz citação de um livro que relatava a lenda do Grande Deus Branco, Quetzalcoatl. A semelhança entre Cristo e esse Deus indígena era óbvia. Novamente, disse aos colegas e à professora que Cristo realmente visitara o povo das Américas; ele realmente lhes ensinara o evangelho.

No final de minha preleção, a sra. Protschka escreveu no quadro negro: "O Livro de Mórmon é a melhor teoria sobre a formação das antigas civilizações das Américas", e pediu que escrevêssemos isso em nossos cadernos. Que triunfo! Senti vontade de pular de alegria. Deus nos ouve e responde às nossas orações. Ele é realmente um Deus de milagres. E sabe como abrandar o coração de homens e mulheres para seus propósitos. □

Larry Winborg

Lily Toy Hong

"E oito dias depois estavam outra vez os seus discípulos dentro, e com eles Tomé. Chegou Jesus... Depois disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos, e chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente. Tomé respondeu, e disse-lhe: Senhor meu, e Deus meu! Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, creste, bem-aventurados os que não viram e creram."

(João 20:26-29.)